

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA

SIMONE ZANOTELLI HEISSLER

**ESCREVENDO POR ENTRE MUROS E PAREDES:
PSICANÁLISE, *VIDA LOKA* E EXPERIÊNCIA DE ESCRITA COM
ADOLESCENTES QUE CUMPREM MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS DE
PRIVAÇÃO DE LIBERDADE.**

Porto Alegre, 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA

SIMONE ZANOTELLI HEISSLER

Escrevendo por entre muros e paredes: Psicanálise, *vida loka* e experiência de escrita com adolescentes que cumprem medidas socioeducativas de privação de liberdade.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura.
Linha de Pesquisa: Psicanálise e Cultura.
Orientadora: Prof.Dra.Rose Gurski

Porto Alegre, 2018.

SIMONE ZANOTELLI HEISSLER

Escrevendo por entre muros e paredes: Psicanálise, *vida loka* e experiência de escrita com adolescentes que cumprem medidas socioeducativas de privação de liberdade.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura.

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.Dra.Rose Gurski - UFRGS

Prof.Dra.Nádia Laguárdia de Lima - UFMG

Dra.Miriam Debieux Rosa - USP

Prof.Dra.Simone Zanon Moschen -UFRGS

Aos jovens do mundão, da *vida loka*, que também
sonham, que também amam.

Para Dora.

AGRADECIMENTOS

À memória do meu pai, que me ensinou que sonhar é preciso.

À minha mãe, que me ensinou que colocar os pés no chão também é preciso.

À minha orientadora Rose Gurski, guia persistente no trilhar desta caminhada, pela acolhida, transmissão e preciosos ensinamentos.

À Fase-RS, direção, funcionários e agentes socioeducativos pela disponibilidade e acolhida do trabalho, principalmente às equipes da ISPAE, em especial: Adriana, André e Felipe, pelo empenho em fazer acontecer a Roda. Também agradeço imensamente à Psicóloga Cristina Chazan por todo apoio.

Ao NUPPEC (Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura), a todos os seus integrantes presentes e passados, por todas as trocas.

Ao NUPPEC - Eixo Psicanálise, Educação, Adolescência e Socioeducação, a todas as colegas que por ele passaram, e que das mais variadas formas, compartilhando experiências, tornaram os momentos mais ricos e afetivos.

À UFRGS e ao PPG Psicanálise: Clínica e Cultura, pela aposta e luta incansável pela Psicanálise na Universidade.

Aos funcionários e professores da UFRGS, pelo empenho em manter a Universidade, mesmo ante as dificuldades presentes em nosso tempo. Agradeço em especial à Fernanda Dalsin, pela disponibilidade constante.

A todos os professores com quem tive o privilégio de estudar ao longo do mestrado, especialmente Edson Sousa, pela arte e utopia, tão necessários, Amadeu Weinmann, pela paixão e entusiasmo, tão inspiradores, e Simone Moschen, pela delicadeza e sensibilidade, tão raros.

Aos alunos da graduação do curso de Psicologia da UFRGS, em especial os quais com quem pude experienciar a prática da docência em 2016, e também àqueles participantes do movimento de ocupação, tão precioso, e que tanto me ensinaram.

Aos colegas da segunda turma de Mestrado do PPG Psicanálise: Clínica e Cultura, turma tão querida, especialmente Bárbara Rocha, Carol Lague, Laura, Marina Rocha, Camila

Terra e Guto Mano, pelas lutas e parcerias, nas ruas e na Universidade, e à Karina (Kaia) Blom, pelo feliz reencontro.

À Mayra Pachado, Helena Kessler, Liege Fasolo, Taís Cardoso, Heitor Fernandes, pela transmissão de suas experiências acadêmicas, mas, especialmente, pelos incentivos, abraços e escuta antes e durante o curso do mestrado.

À Miriam Debieux Rosa, Ana Costa, Simone Zanon Moschen e Nádia Laguárdia de Lima pelas leituras e contribuições na banca de qualificação e/ou defesa desta dissertação.

À Leonardo Francischelli, por acompanhar com sua escuta os tropeços da trajetória e me conduzir, incansavelmente, ao reencontro com o desejo.

Às amigas, amigos, familiares e felinos, que souberam tolerar minhas ausências nestes dois anos, e ao mesmo tempo, me fizeram redescobrir a preciosidade do tempo, especialmente Chris, Marina, Gabi, Olavo, Maria Silvia e Julieta.

Às pequenas vidas que tem crescido próximo de mim, inspirando a cada dia a luta por um mundo mais justo, mote deste trabalho, especialmente Dora, Megan, Benjamin, Fred, Clarice e Joaquim.

Ao Alexandre, meu amor, por acreditar, por me fazer acreditar, por tudo, por todo amor!

E, finalmente, à Samir, Daniel, Michel, Antônio, Cristiano, Paulo e Ricardo¹, por terem aceitado participar da Roda de Escrita, e terem me permitido conhecer nuances de seus mundos, sua *vida loka*, sem saber que, depois deles, eu não seria mais a mesma. Meu muito obrigado!

¹ Todos os nomes dos adolescentes foram alterados conforme prevê o Estatuto da Criança e do Adolescente.

RESUMO

Heissler, S.Z. (2018). Escrever por entre muros e paredes. Psicanálise, *vida loka* e experiência de escrita com adolescentes que cumprem medidas socioeducativas de privação de liberdade (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Este trabalho de mestrado parte de uma experiência realizada com adolescentes que cumpriam medidas de privação de liberdade em uma instituição socioeducativa na cidade de Porto Alegre. Durante o período de familiarização na Instituição, chamou nossa atenção o expressivo número de escritos com que os adolescentes marcavam as paredes e muros. Passamos a nos inquietar com estas produções: o que poderiam desvelar acerca dos modos de sofrimento destes jovens? Seria possível uma escuta da escrita destes jovens? Partindo destas inquietações, nosso objetivo foi criar um dispositivo a fim de refletir sobre os possíveis efeitos de sujeito que poderiam advir da escuta da escrita. A partir do enlace da escuta psicanalítica e, portanto, de sua ética, com os efeitos ético-metodológicos do tema da experiência em Walter Benjamin, criamos o dispositivo nomeado “Roda de Escrita”. No desenlace do estudo, discorreremos também sobre a posição que estes jovens têm ocupado no laço social atual e suas aproximações com a figura do *homo sacer*, proposta por Giorgio Agamben. Questionamo-nos ainda se a criação de um espaço para a transmissão da narrativa seria uma forma de suspender estes jovens, ainda que brevemente, do lugar de invisibilidade e de vida nua. Neste diapasão, nossa proposta foi discutir a função política da Psicanálise e do psicanalista, bem como sua posição de resistência frente a algumas condições presentes no laço social. Diante dos escritos e narrativas trazidas pelos jovens em cada encontro, seguimos apostando na escuta e na circulação da palavra destes adolescentes como um modo fazer deslizar, ainda que brevemente, as posições de *homo sacer e da vida loka*, para *vida loka que também ama*. Por fim, discutimos alguns aspectos acerca da Psicanálise em contextos socioeducativos, bem como os modos possíveis de enlace nesse campo.

PALAVRAS-CHAVE: PSICANÁLISE, ADOLESCÊNCIA, ATOS INFRACIONAIS, ESCRITA, *VIDA LOKA*, SOCIOEDUCAÇÃO, *HOMO SACER*, EXPERIÊNCIA, PSICANÁLISE E POLÍTICA.

ABSTRACT

Heissler, S.Z. (2018). Write for between walls and walls. Psychoanalysis, *vida loka* and the experience of writing with adolescents who comply with socio-educational measures of deprivation of liberty (Dissertation of Master's degree). Institute of Psychology, Federal University of Rio Grande do Sul.

This master's degree work starts from an experience with adolescents who accomplish socio-educative measures in deprivation of liberty in an institution in the city of Porto Alegre. Over the course of the period of familiarization in the Institution, we noticed the expressive number of writings with which the adolescents marked the walls and walls. We began to worry about these works. What could it reveal about the ways of suffering of these young people? Would be possible a listening of the writings of these young ones? Starting from this restlessness, our objective was to create a device in order to reflect about the possible effects of subject that could come from the listening of writing. Starting from the link of psychoanalytic listening and, therefore, of its ethics, with the ethical-methodological effects of the theme of experience in Walter Benjamin, we created the device named "Roda de Escrita" ("Writing Circle"). In the outcome of the study, we also discussed the position that these young people have occupied in the current social bond and their ties with the figure of the *homo sacer*, proposed by Giorgio Agamben. We questioned ourselves still if the creation of a space for the transmission of the narrative would be a way of suspending these young people, although briefly, from the place of invisibility and naked life. In this standard, our proposal was to discuss the political function of Psychoanalysis and the psychoanalyst, as well his position of resistance in face of some conditions present in the social bond. In front of the writings and narratives brought by the young people in each meeting, we still betting on the listening and circulation of these adolescent's word as a way of doing to slide, even briefly, the positions of *homo sacer* and the *vida loka* for *vida loka* that loves too. Finally, we discussed some aspects concerning the Psychoanalysis in socio-educational contexts, as well the possible ways of linking in this field.

KEYWORDS: PSYCHOANALYSIS, ADOLESCENCE, INFRARED ACTS, WRITING, VIDA LOKA/ CRAZY LIFE, SOCIOEDUCATION, HOMO SACER, EXPERIENCE, PSYCHOANALYSIS AND POLITICS.

SUMÁRIO

1 PONTO DE PARTIDA: POR ENTRE OS MUROS.....	11
2 CONSTRUÇÃO DA RODA DE ESCRITA:FUNDAMENTOS E METODOLOGIA	17
2.1 A Ética da Psicanálise: um método extramuros.....	17
2.2 O corpus da pesquisa.....	20
2.2.1 Os escritos entre muros e paredes e os Diários de Experiência.....	20
2.2.2 Como em um <i>só depois</i> : a leitura-escuta.....	21
2.3 Da vivência à experiência compartilhada: inspirações ético-metodológicas	21
3 ESCREVENDO POR ENTRE MUROS E PAREDES.....	22
3.1 Breves notas sobre a escrita na Psicanálise.....	22
3.2 A Proposta.....	24
3.3 A Roda de Escrita.....	26
3.3.1 Escrevendo nossos laços.....	26
3.3.2 Escrevendo “o que vem na mente”	34
3.3.3 O diário: a costurando a Roda.....	38
3.3.4 Os escritos das paredes: transmissão de um saber.....	44
3.3.5 Sonhando e escrevendo: do 157 a escrita de outras versões.....	47
3.3.6 A Roda e seus impasses.....	55
3.3.7 Momento de concluir... e seguir.....	57
3.3.8 Apagaram tudo, pintaram tudo de cinza: escrever para resistir.....	60
4 VIDA NUA, VIDA LOKA: POR UMA PSICANÁLISE E UMA VIDA (R)EXISTENTE - E QUE TB AMA.....	62
4.1 Homo sacer e adolescência em conflito com a lei.....	62
4.2 Adolescência e vida loka.....	67
4.3 Vida loka tb ama.....;	70
4.4 Psicanálise por entre os muros.....	73
4.5 Sobre transmissão, narrativa e resistência	75

4.6 Entre a juventude que cria, a experiência e a ética psicanalítica.....	77
4.7 Psicanálise: função política e resistência.....	81
REFERÊNCIAS.....	85
ANEXOS	

1 PONTO DE PARTIDA: POR ENTRE OS MUROS

A presente dissertação de mestrado parte da experiência realizada com adolescentes do sexo masculino que cumpriam medidas socioeducativas de privação de liberdade. A pesquisa originou-se de outros estudos que enlaçam a Psicanálise e a socioeducação à partir do eixo Psicanálise, Educação, Adolescência e Socioeducação do NUPPEC¹.

No âmbito do NUPPEC, temos nos ocupado em refletir acerca dos modos de representação da adolescência contemporânea, especialmente no que se refere à violência juvenil. Neste sentido, o Grupo de Pesquisa iniciou atividades na Fase-RS² no final de 2014 com o projeto intitulado “Os jovens em conflito com a lei, a violência e o laço social”, cuja proposta era a oferta de espaços de rodas de conversas livres com os adolescentes internos. No desenrolar das Rodas, por demanda dos meninos, passamos a realizar as chamadas Rodas de Rap³, que acabaram dando origem a outro projeto, o “Ritmos Adolescência e Psicanálise (RAP): dos ‘muros’ à musicalidade na socioeducação”. Através do oferecimento das Rodas tratamos de mostrar que nossos dispositivos eram um modo de dar um lugar à palavra dos jovens, fosse através do livre associar, ou mesmo das músicas e melodias.

Neste diapasão, considerando as condições das práticas socioeducativas no Brasil, que têm se apresentado como um tema controverso devido às dificuldades estruturais das instituições, à ausência de uniformidade nos procedimentos judiciais e às violações de direitos fundamentais dos jovens, nos perguntamos como ocorre a passagem destes adolescentes por tais instituições (Costa, A.P., 2014). Agregam-se à ausência de condições oferecidas pelo laço social, muitos fatores que contribuem para a construção do que temos chamado de ato infracional. Em alguns de nossos estudos e pesquisas, por

¹ O NUPPEC (Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura) é uma ação conjunta de docentes do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura e do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFRGS. Para mais informações: www.ufrgs.br/nuppec e www.facebook.com/nuppec.2

² Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul.

³ Rap é um estilo musical e um discurso rítmico com rimas e poesias, surgido entre as comunidades negras dos Estados Unidos. Faz parte da chamada cultura hip-hop.

exemplo, temos percebido determinadas reproduções desta ausência de condições também nas instituições socioeducativas. De modo geral, nos parece faltar espaço para a expressão desses jovens e especialmente espaços de falas próprias. Ora, a expressão da singularidade é uma necessidade psíquica bastante importante na passagem adolescente, principalmente porque o adolescente precisa criar um novo modo, distinto do infantil, de se fazer representar no laço social.

Também atentamos para o que apontava Walter Benjamin (1936/2012) acerca do esvaziamento da transmissão e do empobrecimento da narrativa do sujeito contemporâneo. Mais recentemente, essa discussão acerca dos efeitos da ausência do compartilhamento de experiências foi associada aos sintomas da juventude contemporânea (Kehl, 2004; Gurski, 2012).

Partimos de conceitos que articulam a Psicanálise e a política, questionando-nos sobre a relação entre o conceito de vida nua e a figura do *homo sacer*, propostos por Agamben (2010), com os adolescentes em conflito com a lei. Freud (1921/2006), por crer na indissociabilidade entre a psicologia social e a psicologia individual não se furtou a pensar os sintomas sociais, bem como as lógicas da violência e do poder, tornando a Psicanálise um importante “aparelho óptico” para problematizar os impasses pertinentes ao nosso tempo (Endo & Sousa, p.9, 2009).

Deste modo, entendemos que, apesar de ter nascido no berço da burguesia vienense, a partir das observações de Freud no final do século XIX, a Psicanálise não se limita apenas a esta parte da sociedade. Propondo uma escuta e um olhar desde um outro lugar, até então desconhecido, a Psicanálise gerou uma revolução no conhecimento ocidental, evocando uma nova posição ao sujeito, atravessado pela perspectiva do inconsciente, da sexualidade infantil e da transferência. Desde esses pilares, conforme as palavras de Broide (2010), “a Psicanálise é do mundo, de todos os lugares e classes sociais e está onde a vida pulsa” (Broide, p.54).

Neste sentido, movida pelo desejo de seguir pensando a Psicanálise para além da clínica tradicional, uma Psicanálise “extramuros”, acompanhada de uma colega pesquisadora, passei um período de quatro meses circulando⁴ por uma das unidades da

⁴ Mediante autorização ao comitê de ética institucional.

Fase-RS. O propósito deste tempo foi circularmos livremente pelo campo, visando assim elaborar um projeto a partir daquilo que fôssemos encontrando por entre os muros.

Inicialmente, realizamos entrevistas com agentes socioeducativos, buscando conhecer suas percepções e narrativas acerca do trabalho e da relação com os adolescentes. Na companhia destes profissionais, pudemos conhecer o funcionamento da instituição, bem como passar para o “lado de dentro” de uma das muitas grades e cadeados que encontramos por lá. Do lado de dentro dos muros, foi possível conversar também com os adolescentes, conhecer suas queixas, seus modos de expressão e sua realidade dentro da instituição.

Nos primeiros dias, éramos recebidas com um certo receio e desconfiança, tanto pelos agentes, quanto pelos adolescentes. Pareciam não compreender o que fazíamos ali. Esperavam por algum “questionário com perguntas”, como referiram terem sido algumas pesquisas realizadas por outros pesquisadores no passado. Pareciam surpresos por nosso desejo de escuta, pela simples possibilidade de poder contar um pouco sobre si, do modo como quisessem. Chamou-nos atenção a dificuldade dos profissionais em recordar nossos nomes a cada encontro, nos fazendo justamente pensar no ritmo acelerado da instituição, em uma possível ausência de espaço para o reconhecimento do singular. Com o passar do tempo, nos tornamos finalmente conhecidas na unidade, sendo surpreendidas com falas como “Nossa, vocês ainda estão aqui? Não desistiram da gente ainda?”.

Caminhando pelos corredores, fomos conhecendo um pouco do cotidiano, as relações entre os agentes socioeducativos e os jovens, o funcionamento do trabalho e da rotina institucional. Neste percurso, pudemos conhecer as salas, a cozinha, os banheiros, ficando registradas muitas cenas, cheiros, sensações e imagens: há uma predominância da cor cinza nas paredes descascadas pela umidade. De forma geral, não nos pareceu um ambiente acolhedor. Ao mesmo tempo, paradoxalmente, também podemos ver as hortas bem cuidadas, entre alguns belos quadros e desenhos pendurados nas paredes, feitos pelos meninos.

Em nossas caminhadas pela instituição, aprendemos que os dormitórios são chamados pelos guris de “bretes”, palavra que não conhecíamos, e que pesquisando a origem, descobrimos, conforme Silva e Tietboehl (2014), se tratar de um termo usado também nas ruas, que refere-se a um local onde os jovens se encontram, um ponto de

encontro. No dicionário, o significado está descrito como uma armadilha para pássaros, uma cilada, ou um ardil. A sensação que nos restou é de que a escolha do termo possa ser uma união do significado das ruas e do dicionário: um lugar onde os guris ficam reunidos e ao mesmo tempo, “aprisionados”. A cada novo portão que nos era aberto, íamos sendo encontradas e encontrando também mais e mais adolescentes.

A unidade que conhecemos conta com um número quase sempre elevado de meninos, divididos em três alas. Os olhares curiosos estavam sempre presentes, assim como o desejo de descobrir o que estávamos fazendo ali, quais os nossos nomes, se tínhamos como lhes dar informações sobre suas medidas, entre outros pedidos. Em alguns momentos, tínhamos a oportunidade de estender o encontro com alguns destes meninos, podendo assim escutar suas angústias e também suas solicitações por espaços de fala. Quando informávamos que éramos pesquisadoras do campo psicanalítico, logo vinham relatos de mal-estar, de ansiedade, de vontade de receber um atendimento, e até relatos de sonhos: *“Toda noite vem no sonho o crime que eu fiz. Fica voltando na minha cabeça”*, dizia um adolescente.

Foi possível perceber, quase de imediato, que havia um desejo de fala e de reconhecimento por parte dos adolescentes: conforme passávamos pelos corredores ou pelo pátio, os meninos nos procuravam, queriam conversar, pediam atendimento. Percebemos também que um modo muito presente dos jovens comunicarem seus sentimentos era através de cartas e bilhetes: *“Eles vivem pedindo caneta e papel, curtem muito escrever poemas, músicas, de tudo”*, referia uma agente socioeducativa que nos acompanhou ao longo dos meses. Algumas vezes, os meninos nos entregavam pedaços de papel com essas produções, ou ainda nos paravam para que escutássemos seus escritos, como o menino Cícero⁵, de 13 anos, que nos lia as rimas que estava criando a cada encontro nos corredores: *“Na próxima vez eu te mostro mais, dona⁶”*.

Seguindo nosso percurso, tivemos um encontro bastante impactante: depois de algumas semanas, quando, já mais ambientadas e conhecidas pelos agentes socioeducativos e pelos adolescentes, outro cadeado nos foi aberto, aquele que dava

⁵ Os nomes de todos os adolescentes foram alterados conforme prevê o Estatuto da Criança e do Adolescente.

⁶ Os adolescentes costumam se referir aos membros das equipes da instituição como “donas” (para as mulheres) ou “seus” (para os homens).

acesso à parte interna da ala, onde ficavam os dormitórios, os “bretes” dos guris. Dentro dos bretes, encontramos a mesma “cruza” que compõe a instituição: colchões no chão frio, janelas quebradas, roupas amontoadas nos cantos. Paradoxalmente, neste ambiente cinza, árido e frio, surgiam nas paredes, cores e mais cores, distribuídas em frases escritas pelos meninos, em grafites, desenhos, letras de música e Rap, poemas, frases de amor e de revolta. Novamente percebemos a escrita se presentificando e colorindo nossa visão. Através das paredes parecia ser contada a *vida loka*, expressão que, conforme relatos dos jovens, traduz uma vida sem limites, perigosa, com muitos riscos. Estes escritos da *vida loka* acabaram nos levando a pensar no que vinha sendo expresso, nos modos encontrados pelos guris de contar suas histórias, e sobre os espaços para a escuta destas vidas.

Entendemos que, com o passar do tempo, os agentes iam guiando-nos cada vez mais para dentro das alas, como se, por etapas, em doses, fossem-nos apresentando as profundezas do lugar, as feridas mais abertas, a cada portão cruzado, a cada corrente aberta. Assim, por fim, desta vez sozinha, acabei conhecendo a área de isolamento, que se tratava de um espaço reservado para onde os adolescentes eram levados como forma de punição, mediante algum ato identificado pelos agentes socioeducativos como fruto de mau comportamento ou transgressor, que podem variar desde discussões entre os adolescentes ou com os agentes, até brigas, uso de drogas, tentativa de fuga, entre outros.

Durante a visita ao local, reparei que um adolescente estava fechado em uma das pequenas salas do local, deitado no chão, enrolado em um cobertor fino. O frio do sul, nesse dia, estava especialmente cruel. Enquanto o agente nos mostrava a área, o adolescente gritava algo que não conseguíamos compreender, quase como um grunhido. Ninguém parecia ouvir, pois todos os presentes seguiam conversando dentro de uma naturalidade que me deixou atônita, não sabendo o que fazer. Simplesmente segui adiante no corredor enquanto a voz do menino ecoou até desaparecer. Ele parecia invisível a todos os presentes. Dias depois, com essa cena na cabeça, que não me abandonou, uma agente, ao se despedir após uma conversa, disse: “*Que bom que vocês estão aqui, pois esse é o lugar que ninguém quer ouvir, o que tem aqui todo mundo quer esquecer*”. Estas cenas convocaram novamente a reflexões acerca da invisibilidade e da vida nua, de Agamben (2010), que discorreremos mais adiante.

Percebemos, assim, que naquele lugar de tantas ambiguidades, de tanta aridez, no lugar “que todos querem esquecer”, a palavra insistia em se apresentar, já que ela estava por todos os lados, pela fala, pelas cartas, grifadas entre muros e paredes. Nos surpreendemos com tudo que parecia estar sendo dito e não escutado, escrito mas não lido, e com a relação surpreendente dos jovens com o ato de escrever.

Pensamos então que fazer falar a palavra escrita, escutar o que os adolescentes escrevem por entre muros e paredes, a partir da ética psicanalítica, poderia ser um modo de abrir espaço para o reconhecimento de algumas nuances destas subjetividades, das diferenças que portam e de seus modos de criar. Passamos a pensar quais efeitos poderiam advir da escuta desta escrita, destas palavras, a partir da constituição de um leitor (pesquisador)? Questionamo-nos ainda: O que estes escritos podem revelar acerca dos guris, de seus processos de subjetivação e da *vida loka*? Escutar essa escrita que se faz presente por entre os muros e paredes a partir da ética psicanalítica pode ter uma função política no campo socioeducativo? Criar um espaço para a transmissão da experiência, como propõe Benjamin (1936/2012), constituindo um modo de compartilhamento do que estes jovens vivem, a partir de suas escritas, seria uma forma de suspendê-los, ainda que brevemente, de um lugar de invisibilidade, de vida nua?

Deste modo, senti-me particularmente, de alguma forma, encontrada pelos escritos dos guris, pelas situações de suas meras vidas, pelo que era visível e invisível, e assim, nasceu a ideia de realizar encontros semanais com um grupo de adolescentes, onde estes seriam convidados a falar e escrever sobre qualquer assunto. Também seria um espaço para que fossem escutados os escritos das paredes, de modo que a palavra que circulava silenciosa pelos muros, pudesse encontrar um interlocutor.

A partir disso foram realizados então, ao longo de quatro meses, encontros semanais com um grupo de sete adolescentes, onde os jovens foram convidados a falar e escrever sobre qualquer assunto. Optamos por ofertar-lhes um caderno, como uma espécie de diário, a fim de que pudessem seguir registrando seus sentimentos mesmo quando não estivessemos reunidos; eles podiam escolher, ou não, compartilhar conosco as escritas produzidas. Ao final de cada encontro, a pesquisadora também escrevia anotações livres acerca das impressões, sensações e percepções na forma de Diário de

Experiência⁷. Os materiais produzidos pelos adolescentes foram recolhidos e, juntamente com os Diários de Experiência, compõem o corpus desta pesquisa. Nomeamos este dispositivo de Roda de Escrita.

2 CONSTRUÇÃO DA RODA DE ESCRITA: FUNDAMENTOS E METODOLOGIA

Os pilares ético-metodológicos que sustentaram a presente pesquisa tiveram como inspiração os fundamentos psicanalíticos propostos por Sigmund Freud, conjugado aos efeitos de nossa leitura acerca do tema da experiência proposto pelo filósofo alemão Walter Benjamin (Gurski, 2008; Gurski, 2012).

2.1 A Ética da Psicanálise: um método extramuros

Pensarmos acerca do método psicanalítico no campo socioeducativo nos conduz a uma breve discussão a respeito da pesquisa em Psicanálise, da Psicanálise extramuros (Laplanche, 1987).

Recusando a divisão entre indivíduo e sociedade, Freud, ao longo de sua obra, não furtou-se em analisar fenômenos coletivos, a religião, a cultura, a arte, a guerra, entre tantas outras articulações entre o social e o individual. Laplanche (1987) nos fala em psicanálise extramuros, buscando, justamente, romper com a noção de uma Psicanálise descoberta na clínica e aplicada a contextos distintos. O autor propõe transpor as barreiras, os muros da clínica, pois a Psicanálise também pode ser produzida em outros campos que não somente no tratamento clássico (Rosa, 2004).

Para Freud (1912/2006), é no discurso e na fala livre que se apresentam os restos e fragmentos oriundos do inconsciente. Neste sentido, a regra fundamental da Psicanálise é a da associação livre, ou seja, se trata de convidar o sujeito a falar tudo que lhe vier em mente, a não censurar-se, ainda que sinta vontade de fazê-lo, e a dizer tudo que lhe ocorra em pensamento.

⁷ Discorreremos sobre o Diário de Experiência no capítulo 2, item 2.2.1.

Em contrapartida, para sustentar a associação livre, o analista deve escutar estes restos inscritos ou perdidos no que é falado a partir da atenção flutuante, proposta também por Freud (1912/2006). Esta se trata de uma posição de escuta, uma posição ética, de não privilegiar qualquer assunto ou tema, permitindo-se deixar tomar apenas por aquilo que enuncia o sujeito que fala. Nesse sentido, o analista não deve se antecipar às falas dos sujeitos e seus possíveis sentidos.

A principal ferramenta do método psicanalítico é a transferência. Trata-se de um conceito proposto por Freud (1914/2006) a partir da percepção de que em todas as relações cotidianas, o sujeito está fadado a repetir, e portanto, transferir, seus modos de relação com as figuras parentais infantis.

Em “Recordar, Repetir e Elaborar”, Freud (1914/2006) refere que, entre analista e analisando, é essencial que se instaure a transferência, que será o motor a fazer engrenar o processo terapêutico e que também permitirá a revivência da sexualidade infantil, desta vez com a figura do analista, condição *sine qua non*⁸ para a abertura da possibilidade de elaboração e criação de outras rotas para a libido. Este é o ponto que diferencia a transferência que se dá com as demais relações interpessoais do indivíduo e aquela que se passa em análise: o analista, a partir da ética psicanalítica, seria capaz de escutar e emprestar-se em abstinência às repetições infantis de seus analisandos, promovendo assim um encontro, ainda que não programado, do sujeito com ele mesmo, com suas fantasias.

Para Freud (1914/2006), será através da revivência em transferência das situações infantis que o sujeito terá a possibilidade de recordar sua sexualidade infantil, seus investimentos, e assim deixar de repetir certos modos de se relacionar. Conforme postulou o pai da Psicanálise, a transferência funciona como um “playground no qual se espera que se apresente tudo no tocante a instintos patogênicos, que se acha oculto na mente do paciente” (Freud, 1914/2006, p.169).

O que torna a relação transferencial importante para a Psicanálise é que o psicanalista passa a utilizar a transferência como engrenagem e ferramenta de trabalho, pois é através do laço estabelecido pelo sujeito com a figura do analista que se dão os movimentos no processo analítico. Para Elia (1999), é possível estender este conceito

⁸ Do Latim, em tradução livre: indispensável, essencial.

inversão deste modelo, sendo o pesquisador-psicanalista aquele que supõe que o sujeito saiba algo. Assim, ao pesquisador seria necessário colocar-se de modo a deixar com que o sujeito encontre e formule suas próprias questões, respondendo a elas na transferência, em seu próprio tempo singular (Rosa & Domingues, 2010).

Nas palavras de Freud (1912/2006): “Não se deve esquecer que o que se escuta, na maioria, são coisas cujo significado só é identificado posteriormente” (p.126). Deste modo, a busca de um significado ou uma interpretação daquilo que se passa em transferência, se dá em um tempo a posteriori, onde então os achados podem ganhar uma significação, apontando assim para a temporalidade que é própria à Psicanálise (Rickes & Simoni, 2008).

2.2 O corpus da pesquisa

2.2.1 Os escritos entre muros e paredes e os Diários de Experiência

Os materiais produzidos pelos adolescentes ao longo dos encontros da Roda de Escrita, como seus escritos realizados individualmente ou em grupo, bem como alguns trechos de seus diários, foram recolhidos a fim de compor o corpus da pesquisa. Além destes materiais, também foram produzidos pela pesquisadora anotações livres acerca das vivências, sensações e recordações sobre cada Roda, realizados sempre ao final do encontro. Esta forma de registro da experiência foi denominada Diários de Experiência.

Segundo Gurski (no prelo), metodologicamente, os Diários de Experiência tratam-se de anotações norteadas pela associação livre da pesquisadora, aproximando-se muitas vezes de um texto fragmentado ou desarticulado. A autora refere ainda que a construção dos Diários de Experiência foi inspirada em três fontes:

...nos diários de campo, dispositivo advindo dos estudos antropológicos e da etnografia; nos cadernos de notas e comentários breves de Walter Benjamin (Arendt, 1968/1987), guiados por “seu olhar fragmentário, não por renunciar à totalidade, mas por procurá-la nos detalhes quase invisíveis” (Sarlo, 2013, p. 35) e por fim, nas chamadas crônicas breves escritas por Freud entre os anos de 1929-1939.(Gurski, no prelo, para.10)

2.2.2 Como em um *só depois*: a leitura-escuta

Conforme propõe a temporalidade da Psicanálise, como em um *après coup*, o material oriundo dos diários de experiência, e também os materiais escritos produzidos pelos adolescentes na Roda deram origem ao corpo da escrita desta dissertação.

Tendo em mãos os Diários de Experiência, bem como os materiais produzidos pelos adolescentes, inspirados na associação livre, passamos a revisitar os escritos a partir da atenção flutuante, ou de uma “escuta” flutuante. Neste sentido, articulamos a leitura-escuta, que consiste em uma leitura dirigida pela escuta, que busca identificar os registros mais próximos da experiência, considerando a importância das produções do sujeito, tendo como a finalidade a produção de um ensaio ou de uma escrita a partir dos elementos encontrados (Iribarry, 2003).

Esta revisitação dos materiais durou alguns meses, proporcionando-nos encontros e achados que só puderam tomar sentido neste segundo momento. A partir das sensações despertadas pela leitura-escuta dos materiais, também decantaram os caminhos que foram guiando o estilo e a forma de escrita desta dissertação.

2.3 Da vivência à experiência compartilhada: inspirações ético- metodológicas

Além dos pressupostos psicanalíticos, a construção do projeto da Roda de Escrita foi amparada pela importante contribuição de Walter Benjamin (1936/2012) acerca do tema da experiência. Conforme o filósofo alemão, com o advento da modernidade, a individualidade e as narrativas anônimas passaram a ganhar espaço, em detrimento das experiências compartilhadas, quando o narrador contava e “esquecia de si, pois não era autor no sentido egóico, ele era um elo a mais na cadeia da transmissão” (Gurski, 2008, p.186). Deste modo, Benjamin (1936/2006) apontou o surgimento da *Erlebnis*, que corresponde ao que o autor denomina como a simples vivência do sujeito isolado, vivente do instantâneo, em contraponto à experiência compartilhada, rica em laços e tecida através da transmissão (Gurski, 2008; Gurski, 2012).

No entendimento de Benjamin (1936/2012), o terreno da vivência remete à experiência interior, empobrecida de laços culturais, valorizando o vivido

individualmente em detrimento do coletivo. Encontramos intersecções dos apontamentos de Benjamin (1936/2012) em nossa experiência no campo socioeducativo: percebemos que a passagem dos jovens pelas internações, muitas vezes, se reduzem a uma simples vivência, são atividades de estudos, de profissionalização, um “corre-corre” no qual a palavra e as histórias de cada um parecem se perder. Nestes espaços, nos parecem raras as experiências que convocam à reflexão acerca de suas vidas, seus atos, suas trajetórias. Ou seja, as experiências de transmissão, que entendemos serem potentes para a construção de laços com o social, são aparentemente escassas.

Acreditamos que a construção de experiências, e não apenas a soma de vivências, são modos de constituição de traços identitários que suportam o sujeito nas diferentes representações de si no laço social. Deste modo, a criação de dispositivos que trabalhem a partir das narrativas do sujeito, faladas ou escritas, como a Roda de Escrita proposta neste projeto, podem ser formas de ofertar algumas condições de transformação desta passagem dos jovens pelas internações em privação de liberdade, e de oferecer, a partir disso, a possibilidade de produção de deslocamentos nos modos de se fazer representar no laço social.

3 ESCRREVENDO POR ENTRE MUROS E PAREDES

3.1 Breves notas sobre a escrita na Psicanálise

A relação entre a Psicanálise e a escrita, ponto fundamental na construção da presente dissertação, é concomitante à própria descoberta do inconsciente. É sob a forma de escrita enigmática presente nos sonhos que Freud (1900/2006) passou a decifrar o inconsciente, dando início, à produção de seu artigo “A interpretação dos sonhos”. Deste modo, a escrita e o inconsciente são, desde os primórdios da Psicanálise, indissociáveis (Guimarães, 2007).

Encontramos também na obra de Freud (1908/2006) o capítulo intitulado “Escritores criativos e devaneios”, onde o pai da Psicanálise discorre sobre a relação entre a escrita criativa e as fantasias e desejos infantis. Outro ponto interessante sobre a relação da Psicanálise com a escrita é que foi justamente a partir da troca de cartas e

correspondências com Fliess⁹, que Freud percebeu a potência de seus estudos e de suas descobertas, construindo a partir disso a teoria que viria a transformar a cultura ocidental.

Presente então desde os primórdios do movimento psicanalítico, a busca pela compreensão os efeitos da escrita e sua relação com o inconsciente, permaneceram presentes para os psicanalistas sucessores do legado freudiano. Conforme coloca Sousa (1998):

De uma forma ou de outra a psicanálise sempre está confrontada com estas perguntas: O que é um texto? Como se constitui um autor? Quais as fronteiras, em todas suas figurações possíveis - zonas de passagens, territórios de silêncios, limites intransponíveis - entre aquele que escreve e o sujeito-autor deste ato, entre o escrito e evidentemente o leitor suposto? (Sousa, 1998, p.28)

Para Lange (2008), a escrita, assim como a arte, convida aquele que escreve a se distanciar da exatidão e da utilidade, deixando-se levar a visitar o desconhecido, e deste modo, relaciona-se intimamente à Psicanálise, que se ocupa também dos restos, das inutilidades e dos lapsos.

Neste sentido, nos atentamos para os escritos itinerante dos gurus no campo socioeducativo, buscando traçar um paralelo entre as escritas nos muros da cidade, conhecidas como pichação ou grafite e as escritas nas paredes que encontramos nos bretes. Segundo Ceará e Dalgalarrodo (2008), os escritos em paredes e muros como forma de expressão das comunidades periféricas começaram a surgir no Brasil no início da década de 1980, estando intimamente relacionado com o movimento hip-hop¹⁰.

Para Caldeira (2012), as escritas nos muros da ruas, mais do que apropriações do espaço público ou privado, estampam na cidade, em especial nas áreas mais ricas, a presença daqueles que supostamente deveriam se manter invisíveis, desestabilizando o modo de vida predominante, através de seu sistema de signos, suas relações sociais e suas regras de uso do espaço público. Neste diapasão, Costa-Moura e Lo Bianco (2009) afirmam que:

Os muros, placas, paredes, carteiras de colégio e outros, marcados pela escritura, se tornam objetos de leitura – revelando assim (como a palavra consignada dos livros sagrados, ou mais modernamente, como no processo fotográfico de fazer visível uma imagem latente), a potência expressiva da

⁹ Wilhelm Fliess (Arnsvalde, 24 de outubro de 1858 - Berlim, 13 de outubro de 1928) foi um médico alemão protagonista importante da pré-história da Psicanálise.

¹⁰ Hip-hop é um gênero musical, com uma subcultura iniciada durante a década de 1970.

linguagem, com a qual transtornam tudo a sua volta. (Costa-Moura & Lo Bianco, 2009, p.102)

Para as autoras, retomar o elemento expressivo destas escritas não equivaleria “a voltar às origens da linguagem, mas, antes, que a linguagem é a origem para eles”(p.102). No entendimento de Costa-Moura e Lo Bianco (2009), os muros tatuados e escritos pelos jovens “se desprendem da arquitetura e são levados à condição de suportes, devolvidos à matéria viva, anterior ao sentido informativo que vem calá-los” (p.102).

No intuito de não calar e, sim, fazer falar o que vinha sendo dito pelos muros e paredes, criamos a proposta da Roda de Escrita.

3.2 A proposta

A partir da percepção de que a escrita, já presente e circulando pela instituição, poderia ser uma ferramenta potente no trabalho com os adolescentes, passamos a construir a proposta que nomeamos “Roda de Escrita”. Como já referido, na Instituição em que estamos inseridas, há a possibilidade de cumprir medida socioeducativa com ou sem a possibilidade de atividades externas. O que determina a possibilidade de saídas externas é, geralmente, a gravidade do ato pelo qual o adolescente cumpre medida ou a reincidência do jovem no mesmo. Optamos por propor a Roda de Escrita para os adolescentes que estavam cumprindo medidas em reclusão, pois estas são também as medidas mais longas, podendo o jovem permanecer por até três anos na instituição.

Como a proposta seria realizada por apenas uma pesquisadora, optamos por limitar o número em sete participantes, elegendo como critério para participação a não inscrição do adolescente em outros projetos realizados na instituição¹¹. Também utilizamos como critério o tempo de permanência ainda restante, ou seja, os meninos cujas medidas ainda tinham o tempo de duração semelhante à de nossa proposta, buscando deste modo, possibilitar a participação do adolescente durante todo decorrer da Roda.

Reunimo-nos então com o grupo de adolescentes e relatamos que havíamos visitado os dormitórios e que a partir disso tínhamos notado que muitas palavras e muitos

¹¹ Este foi um critério sugerido pela equipe técnica da casa.

sentimentos estavam sendo ditos pelas paredes e pelos papéis, e que nossa ideia era propor um espaço configurado para que eles pudessem se expressar na forma escrita ou como que desejassem. Referimos que se tratava de uma pesquisa de mestrado, que partia de um grupo de realizada pesquisa da UFRGS. Em seguida, lançamos a proposta: nos encontraríamos semanalmente, durante mais ou menos duas horas, para conversarmos e escrevermos sobre qualquer coisa que quiséssemos, para que eles pudessem contar suas histórias, falar o que tivessem vontade, compartilhar sentimentos e também suas angústias. Foi referido que teríamos disponíveis, nos encontros, folhas, lápis, canetas, giz de cera, canetinha e cartolina. Eles receberiam ainda um caderno, onde também poderiam escrever mesmo quando não estivéssemos juntos. Deixamos que pudessem escolher livremente participar ou não. Sabendo que algumas atividades realizadas na casa revertem-se em benefícios nas revisões das medidas que cada jovem cumpre, procuramos esclarecer que nossa proposta não se enquadrava em tal critério, sendo a única razão para a participação a vontade e o desejo de cada um em comparecer.

Em um primeiro momento, tivemos silêncio. Em seguida, começaram aos poucos a se manifestar: *“Tenho coisas pra contar. Minha história é foda, podia escrever um livro. Tenho a perda do meu irmão”*, disse Samir, 15 anos, cabisbaixo. Em seguida, Antônio, 16, diz que aceita participar, sendo seguido pelo irmão, Paulo, 14 anos. *“Eu também quero, dona. Pode botar meu nome aê!”*, diz Ricardo, 18. Juntam-se ao grupo também Michel, 17 anos, e Cristiano, 18. Na semana seguinte a este encontro, juntou-se a nós Daniel, 17, que fora convidado por Ricardo, e passou a ingressar na Roda, formado assim nosso grupo. *“Mas o que que a gente vai fazer lá, dona, como é que vai ser?”*, perguntou um dos jovens: *“Isso vamos descobrir juntos!”*, foi a nossa resposta.

A partir da definição de quem participaria da Roda de Escrita, passamos a realizar os encontros, que consistiam em um primeiro momento reservado a uma conversa livre, onde cada um poderia fazer uso da palavra como desejasse, e a partir desta conversa, geralmente, surgia um tema disparador para alguma produção escrita, podendo ser esta coletiva ou individual. Ao fim de cada encontro era proposto o compartilhamento das escritas, fossem as realizadas no dia ou oriundas do caderno diário pessoal, para aqueles que desejassem. Posteriormente, conforme combinado com os jovens, os materiais

produzidos eram recolhidos pela pesquisadora, com exceção do diário, que permanecia com os adolescentes, sob suas responsabilidade e cuidado.

É importante ressaltar que inicialmente nomeamos os encontros de Oficina de Escrita. Com o passar dos dias, percebemos que a escolha pelo termo Oficina não traduzia propriamente a ideia do Projeto, ficando muito associado à produção de uma escrita criativa ou ainda à um espaço de aprendizagem de escrita. Por fim, o termo Roda de Escrita se apresentou como aquele que mais traduzia a essência da proposta: nos reunirmos em uma simples roda para escrevermos sem pretensão, sem um tema estabelecido e sem saber aonde iríamos chegar.

3.3 A Roda de Escrita

Ao longo deste capítulo, para melhor transmitir a experiência da Roda de Escrita, apresentaremos fragmentos dos Diários de Experiência da pesquisadora, bem como trechos e recortes dos escritos e das falas dos adolescentes¹².

3.3.1 Escrevendo nossos laços

Partindo do desafio de que os meninos pudessem escrever sobre o que lhes ocorresse, a Roda de Escrita foi tomando corpo. Usamos a expressão “desafio” porque, de algum modo, o “não saber” como viria a se construir a Roda, a dúvida se os meninos iriam aderir à proposta, nos acompanhou durante uma parte do processo. Ainda que a presença da escrita pelas paredes e pelas cartas tivesse sido norteadora da construção do projeto, perguntávamo-nos: “será que os meninos apostariam na palavra, escrita e falada em grupo, como um modo de expressão?”.

Nos encontros iniciais, como já referido, fui aos poucos enunciando a proposta da Roda, ao mesmo tempo em que os meninos se mostravam curiosos, e também tímidos com o que estava por vir:

¹² Procuramos manter os escritos da pesquisadora e dos adolescentes conforme as produções originais. Deste modo, em alguns trechos estão presentes erros ortográficos ou de concordância verbal. Para as falas dos adolescentes, utilizaremos o recurso gráfico *itálico*. Para os escritos realizados por eles, utilizaremos a fonte *indie flower*. Nos anexos constam alguns escritos em sua forma original.

Primeiro chega Cristiano, bastante calado e senta aguardando os outros. Em seguida, chega Ricardo, que começa a mexer nos materiais. Ricardo abre o rolo de cartolina, abre os estojos de canetinha, mexe em todas as folhas dispostas sobre a mesa. Sorrindo, agitado, pergunta do que se trata, pra que serve, e diz: *ah, esse papel...mas pra que é dona? que vamos fazer? Podemos começar?* (Fragmento dos Diários de Experiência da pesquisadora)

Retomado o convite para que pudéssemos conversar e escrever sobre qualquer assunto, sobre os sentimentos e pensamentos que lhes ocorriam, inicialmente, tivemos silêncio. Esperavam que lhes dissesse o que tinham que fazer, que lhes conduzisse a alguma “atividade”. Ficamos com a impressão que, em um primeiro momento, tomaram o espaço como assemelhado à escola. Fui aos poucos transmitindo meu desejo de escutar suas falas e de conhecer suas histórias, que vinham sendo escritas de modos tão distintos ali dentro da Instituição.

Conforme ia transmitindo a posição de escuta, foi também se estabelecendo a transferência: perguntavam muito, queriam saber de onde eu vinha, o que queria fazer ali, de que cidade era, entre outras dúvidas:

Antônio é o que mais fala, pergunta se faço esse trabalho em outra unidade e diz que acha que eu deveria fazer, que os outros também tem que ter isso, que seria bom pra todos. Depois pergunta o que os meus amigos pensam de eu estar ali, pergunta se atendo em consultório, e diz que imagina que devo cobrar muito caro. (Fragmentos dos Diários de Experiência da pesquisadora)

Quando pensamos neste complexo processo que é a transferência proposta por Freud (1914/2006), e que se tornou a principal marca no trabalho psicanalítico, pensamos em como ele se daria em contextos que fogem a clínica tradicional, sem divã, sem privacidade dos consultórios, como por exemplo, em um contexto como o de nossa pesquisa. Desprendidas da pretensão de trabalhar as questões transferenciais tal qual a clínica, mas dispostas a trabalhar tal como nos permitiria o tempo e o espaço que a realidade daquele contexto nos impunha, atentamos para a construção dos laços entre participantes e pesquisadora.

Inicialmente, ainda bastante desconfiados sobre quais seriam as intenções da pesquisadora, os jovens questionavam: *“Que é que tu veio fazer aqui?”*, *“Por que quer saber o que a gente pensa?”*, *“Sei lá, acho que tu vai sair e contar tudo que a gente fala pros seus e pras donas”*, dizia Daniel. Surgiram diversos apontamentos dos adolescentes nesse sentido:

Ricardo diz que às vezes pensa se eu não fico contando tudo para psicóloga da unidade, se eu não fico contando tudo pra ela, sobre quem que foi e quem que não foi na Roda. Fica um pouco desconfiado se temos mesmo sigilo ali, senão conto tudo para os ‘seus’. (Fragmento dos Diários de Experiência da pesquisadora)

Antônio diz: ‘mas porque tu vem aqui então?’, pergunto o que ele pensa, e ele e os demais dizem que não entendem, que se não trabalho ali, não entendem. Os agentes ‘*ganham salário ali*’ ‘*é o ganha pão deles, mas tu não*’, refere Antônio. E diz, rindo: ‘*tu deve ter um plano, alguma coisa tu quer*’. Conversamos sobre o projeto, sobre a razão de eu estar ali, mas ainda assim, parecem duvidar que alguém possa realmente escolher estar lá dentro com eles. (Fragmento dos Diários de Experiência da pesquisadora)

Buscamos entender estas perguntas e dúvidas acerca da pesquisadora relacionadas pelas questões transferenciais próprias da adolescência, em que qualquer figura adulta acaba por ficar associada às imagos parentais. Rassial (2005) refere que o trabalho do analista com adolescentes, por estar fundado na transferência, acaba por confrontá-lo inevitavelmente com a rejeição por parte do jovem, já que este encontra-se em um processo de luto da “compreensão do adulto”. Conforme o autor, o adolescente imediatamente questiona a capacidade do analista de “ser” e de ouvir diferentemente dos demais adultos de seu meio.

Para Rassial (2005), no encontro com o adolescente, a questão de saber desde onde fala, ou se cala o analista, é fundamental. Inicialmente, conforme o autor, o adolescente fará esforços para colocar o analista em uma posição de adulto desvalido, que levaria ao fracasso de qualquer tipo de tratamento. Rassial (2005) refere ainda os riscos de o analista ocupar uma posição de cúmplice ou de mestre, detentor de saber e da verdade.

A partir das referidas falas dos guris, também pudemos pensar acerca da extrema falta de confiança dos adolescentes com os adultos em geral, o que nos conduziu a questionarmos como o Outro¹³ tem se apresentado para eles: o laço social parece não fornecer modos de enunciação para estes jovens, não ofertando condições que permitam que circule a palavra e um lugar de fala. É como se dissessem: “que valor tem o que eu digo ou penso?”, ou ainda, “por que se interessa por mim?”. Aqui podemos vislumbrar a

¹³ Outro: instância simbólica, da linguagem, que determina o sujeito. É de natureza anterior e exterior ao sujeito. Ver mais em Lacan, J. (1954-55). O Seminário, Livro 2.

ideia que propõe Agamben (2010) quando nos fala sobre o *homo sacer*, sobre os sujeitos a margem da sociedade, ocupando um lugar de resto no laço social¹⁴.

Com o passar dos encontros, foram surgindo falas através das quais notamos que nossos laços estavam se tornando mais consistentes: “*Gosto de vir aqui, aqui a gente pode falar das coisas. Não consigo conversar com quase ninguém, mas aqui eu até que falo*”, disse Samir. Ou ainda: “*A dona parece que entra na cabeça do cara, a gente acaba falando os bagulhos*”, disse Daniel. Nas bordas da transferência, relatos como o que segue:

Antônio e Michel perguntam se eu tenho filhos, enquanto Michel diz achar que não sou casada, pois não tenho aliança. Sobre isso, diz: “*se a pessoa é casada tem que usar aliança, pô, tem mostrar que tem dono*”, e ri. Antônio discorda: “*não, cara, a pessoa não precisa usar. Eu fui casado e nunca usei aliança, nada a ver isso ae, não viaja*”. Eles brincam com isso, mas querem principalmente saber dos filhos...Eles insistem e dizem: “*tu sabe muito da gente, e a gente não sabe nada de ti*”. (Fragmento dos Diários de experiência da pesquisadora)

Passamos a buscar, junto com os adolescentes, entender o que estas perguntas queriam dizer e o quanto de algum modo estavam podendo mostrar ali, com a pesquisadora e com o grupo, um pouco sobre seus modos de ser e pensar. Fomos ficando mais à vontade uns com os outros, e em algum momento, ainda que seguissem eventualmente chamando a pesquisadora de professora ou de dona, passaram a chamá-la pelo nome próprio, sem a necessidade de um pronome de tratamento.

Percebemos que uma preocupação bastante presente, especialmente no início da Roda, se dava acerca do “certo e errado”: perguntavam constantemente se deviam ou não escrever de tal jeito, o que deveriam fazer, como se devessem se encaixar em um determinado modo de ser ou fazer. Pareciam buscar na pesquisadora uma posição de mestre, detentora de respostas, como refere Rassial (2005). Buscando contemplar justamente a possibilidade da livre expressão dos meninos, surgiu este momento:

Aos poucos pegaram papel e começaram a rabiscar. Cristiano colocou o título “um omem na estrada”, e depois começaram a dizer que tinham a letra feia, que eu não ia entender, que iam estragar o papel. Fui dizendo que não era importante a letra ser bonita, e sim o que eles tinham a dizer. Pediram então que eu escrevesse com minha letra, o que fiz, e, para surpresa dos meninos, minha letra era bastante incompreensível. Eles não conseguiram entender e acharam engraçado. Pegaram as folhas e escreveram de próprio punho. Tinham

¹⁴ Discorreremos sobre esta ideia nos próximos capítulos.

preocupação sobre se iam escrever certo, se eu ia achar certo. (Fragmento dos Diários de Experiência da pesquisadora)

Nesta situação, fiquei com a impressão de ter transmitido, a partir da escrita de uma letra “incompreensível”, a abertura de um espaço em que os adolescentes poderiam mostrar também suas linhas tortas, seus garranchos. Notei que a partir deste encontro que eles passaram a dizer uns aos outros, quando alguém receava estar escrevendo errado, algo como disse Michel: “*não te preocupa, meu ... não tem problema se não estiver bonito, faz o bagulho do teu jeito*”. Talvez neste momento tenha sido possível transmitir aos adolescentes que não eram necessárias explicações, certezas, certo e errado. Que eram eles que contariam sobre si mesmos, e não eu, pesquisadora. A palavra era deles! Um trecho da história produzida ao longo do encontro mencionado foi o seguinte:

Era uma vez um omem na estrada que pensava em viajar o mundo inteiro, por que não tinha muita liberdade, porque era de pais ricos, ele não conseguia faze nada para ser feliz. Então um dia penso em fugir de casa para fazer uma viage e ser feliz, ele queria fazer coisa que sua família não fazia, ele era um home que só pensava no estudos e um dia se formou. (Escritos de Ricardo e Cristiano)

Após o anúncio do ‘Era uma vez’, vemos surgir a expressão da própria problemática da adolescência, que conforme Freud (1905/2006), é o rompimento necessário com as imagos parentais: o desejo de ter a liberdade, e a associação de que a partir da fuga de casa, ou seja, de que ao deixar a casa da família, seria possível ser feliz. Podemos entender que quando referem que o personagem buscou fazer “coisa que sua família não fazia”, os adolescentes expressam, através da história, a busca por uma reinscrição no laço social de um modo distinto do infantil.

Para Costa (2009), a escrita também pode ser compreendida como um modo de comunicar algo incomunicável do sujeito. Esta incomunicabilidade, muito presente na

adolescência, parecia estar encontrando um modo de escoamento através da escrita, como podemos ver nos trechos citados acima. Neste caminho, a autora refere:

A literatura, por exemplo, permite transmitir algo dessa experiência tão solitária do sujeito com sua pulsionalidade fazendo um sulco — produto do discurso — por onde pode escoar algo de uma significação que se enlace ao campo do Outro. A literatura permite criar a partir da produção de uma letra, algo que se não fosse essa circunscrição a esse campo não teria encontrado lugar de expressão, de enlaçamento. É esse enlace que traz a possibilidade de se fazer um passe de algo incomunicável, incompreensível, algo que se perde como resto do corpo. (Costa, 2009, p. 29)

Notamos também, que nas primeiras falas e escritas, os adolescentes pareciam querer atribuir um sentido à internação na instituição socioeducativa, como se esperassem, assim, atender a uma suposta demanda do Outro:

Nesse lugar aprendi a dar valor a muitas coisas que na rua nem me importava, aprendi a conviver com as pessoas que nem conheço. Tô sereno. (Escritos do Michel)

Aqui nessa fase aprendi a viver sem a vida de crime porque agora eu sei que viver em paz é a melhor coisa do mundo, porque sei que vai vale a pena um dia.... (Escritos do Ricardo)

O crime não vale nada... saudade da minha família, mas é só uma fase. (Escritos do Antônio)

Conforme Nogueira (2015), a medida socioeducativa é uma resposta da Justiça ao ato cometido pelo adolescente, sendo a posição que este ocupa a partir do anúncio da medida um possível indicador da relação do adolescente com seu desejo e suas responsabilidades. Para a autora, o ponto importante é que, ao longo do cumprimento da

medida, a transferência possa se instalar, sendo a partir dela que se apresenta e se torna possível iniciar um tipo de trabalho com os jovens, que possa firmar algum modo de compromisso com o laço social. Neste sentido, através de trechos de seus escritos, entendemos que parecia haver por parte dos adolescentes, na Roda de Escrita, um certo desejo em “firmar” este “compromisso” com a palavra escrita e falada.

Mas lançar-se à proposta da Roda de Escrita foi para alguns dos meninos mais difícil. Paulo e Cristiano permaneceram, nas vezes em que estiveram presentes, muito calados, apenas observando os demais. Cristiano demonstrava um desejo de escrever e conversar, mas acabava por amassar as folhas e jogá-las fora após os primeiros traços, permanecendo na maior parte do tempo em silêncio:

Ricardo diz que vai escrever na folha timbrada, e começa a escrever uma história. Cristiano tenta, mas acaba paralisando. Escreveu meia frase, riscou tudo, e dobrou o papel. Escreveu *vida loka*, porém, só consegui ver isso no fim do encontro, enquanto recolhia os materiais. Cristiano permaneceu quieto, enquanto Ricardo escrevia e conversava sem parar. (Fragmento dos Diários de Experiência da pesquisadora)

Ficamos pensando sobre a tentativa de Cristiano de contar a *vida loka*, que não segue adiante através das folhas amassadas, da impossibilidade de narrar a vida nas ruas. Aqui nos recordamos das citações de Walter Benjamin (1936/2012), nas quais o autor relata o silêncio emudecedor dos soldados que retornavam das guerras, sem palavras para narrar os horrores vividos. Mas ainda assim é através das folhas, e na Roda, que Cristiano consegue mostrar um pouco de si: em uma ocasião, enquanto os outros meninos trocavam ideias e escreviam, ele, silencioso e reservado, disse: “*Vou te mostrar algo que eu fiz*”. O adolescente foi até o dormitório e, ao retornar, trouxe consigo um origami¹⁵ em forma de bicicleta. Contou-me a história daquela produção: aprendera a fazer as dobraduras de papel quando chegou à instituição, e isso é algo que um ensina para o outro, sempre que um novo adolescente chega para cumprir medida. Pensamos nesse seu jeito de fazer laços: lhes faltavam as palavras, mas pelas dobraduras, contava seu gosto por bicicletas e pelos trabalhos manuais. Com o tempo, ele foi se inserindo em uma oficina de artes que acontecia na Instituição. Ao ver a pesquisadora passar, constantemente a chamava para mostrar suas pinturas e esculturas.

¹⁵ Origami é a arte tradicional e secular japonesa de dobrar o papel, criando representações de determinados seres ou objetos com as dobras geométricas de uma peça de papel, sem cortá-la ou colá-la.

Fomos vendo que, assim como Cristiano, outro participante encontrava poucas palavras: Paulo, o participante mais jovem do grupo, com 14 anos, veio apenas nos dois primeiros encontros. Nestas ocasiões, ficava cabisbaixo, sem tocar nos materiais, enquanto os outros meninos interagem, conversavam, mexiam em tudo. Houve muitas tentativas integrá-lo à Roda e, nestas tentativas, foi através dos desenhos que ele conseguiu contar um pouco de sua história:

Paulo faz um desenho, com bonecos de palitinho, desenho parecido com o de crianças pequenas. Ele diz que é sua família: 11 irmãos, pai e mãe, todos presos ou envolvidos com o tráfico. Ele é o mais jovem. Escreve em letras grandes, seu apelido, que carrega o nome de sua facção. Depois se fecha novamente. Fala com a voz muito baixa. Em seguida ao desenho, escreve a frase: "Saudade da família à mil". (Fragmentos dos Diários de Experiência da pesquisadora)

Através destas cenas narradas, passamos a pensar na importância da materialidade do papel, das folhas e dos elementos que constroem a escrita, o origami, o desenho. Os apontamentos de Souza e Teixeira (2012) também vão nesta direção, pois referem que a escrita no papel representa uma materialidade na forma de inserir marcas, servindo como uma amarração subjetiva aos olhos do outro. O caráter de endereçamento que possui a escrita acaba aproximando o adolescente do ato de escrever, já que este encontra-se em constante esforço para sustentar a relação com o Outro. Para as autoras, a escrita do adolescente pode ser reconhecida como um modo de expressar suas vicissitudes a fim de constituir a subjetividade no laço social.

Deste modo, pensar sobre a criação de espaços nos quais os jovens possam ter suas escritas, dos muros e paredes, e seus modos de expressão reconhecidos, é ferramenta importante no trabalho com adolescentes. Lange (2010), ao escrever sobre uma experiência de oficinas de escrita com adolescentes, sustenta que a escrita e a leitura funcionam como suportes para a construção de um lugar de enunciação. E segue:

Conhecer histórias, perceber-se conhecedor de histórias, perceber-se contador de histórias: são diversos os caminhos que fazem da aquisição da escrita e da leitura práticas que permitem mais do que a circulação nos meios letrados. A escrita, como veremos, possibilita muito mais do que registros. Com a escrita é possível criar e— por que não dizer? — é possível inventar-se. (Lange, 2010, p.168)

E justamente, através das criações e invenções, nas fendas abertas a partir das escritas, para além dos textos, que fomos encontrando, pelas paredes e pelas folhas na Roda, as histórias de vida, e assim também, a *vida loka*.

3.3.2 Escrevendo “o que vem na mente”

Antônio é um dos dez irmãos de Paulo. Os dois cumprem medida junto de mais outros dois irmãos, de 17 e 18 anos. Dos dez filhos desta família, quatro estão cumprindo medida socioeducativa, enquanto outros estão no presídio. Nas breves histórias de vida desses jovens, estão presentes tráfico, agressões e homicídios. Uma família, seu “embolamento”, como eles dizem, toda envolvida com o crime. Durante a Roda, em suas escritas, os dois irmãos contavam sobre a relação familiar:

Antônio diz que escreveu bastante no diário, mas não todos os dias. Disse que está ajudando o irmão a escrever. Fala: “*É que somos duas cabeças, mas é quase como se fosse um. Passamos por muita coisa junto, então um pensa e o outro escreve*”. Diz que ajuda o irmão porque ele se atrapalha mais para escrever. Segue: “*imagina se somos quatro irmãos e cada um pensa uma coisa. Dai não da. Tem que ser tudo junto*”. Digo que não tem problema pensarem diferente. Ele diz que não, que se é assim não dá porque daí sai briga. Todo mundo tem que estar pensando igual. (Fragmento dos Diários de Experiência da pesquisadora)

Fomos percebendo que, nas primeiras semanas, era necessário retomar constantemente a proposta da associação livre. Os meninos, muitas vezes, pareciam aguardar que fosse dada uma ordem ou direção sobre o que deveriam fazer, provavelmente devido à associação que ainda faziam entre a pesquisadora e o sistema socioeducativo, onde existem normas e regras bastante estabelecidas. Antônio movimentava a Roda ao dizer para os demais participantes: “*escreve o que vier na mente, cara!*”. Com a caneta e o papel na mão, através das reticências, ia nos permitindo conhecer o que lhe passava:

Liberdade... saudades a mil... amor é só de mãe... só deus pode me julgar... livrai-me senhor de todos os meus inimigos... deus me castigo severamente mas não me entregou a morte... nada como um dia após o outro dia...
(Escritos do Antônio)

O que comunicam as frases do adolescente parece ter relação com um questionamento em relação a lei: é deus quem julga e é ele que castiga. A lei presente parece ser a divina, em um certo repúdio ao julgamento dos homens. Presente em outros escritos, o “julgamento” acompanhou Antônio ao longo da Roda. Em uma ocasião, revelou:

- *Não gosto de ser julgado por juízes, eles não entendem, julgam sem conhecer. Aqui na Terra o cara faz o que quer. Só deus pode me julgar.*
- *E como seria esse julgamento divino?, questiono.*
- *Não sei... acho que seria brabo ter uma segunda chance.*

Com o andar da Roda, os guris passaram a chegar aos encontros e tomarem os lápis e o papel nas mãos, escrevendo “o que vem na mente”, fazendo surgir assim aquilo que no *só depois* vim a entender como a dimensão da *vida loka*: as vivências nas ruas, as revoltas, a relação com o crime, as insatisfações, sentimentos, amores.

Hoje eu me acordei no ódio com a vida. Meu irmão vai ficar mais tempo preso. Eu to com saudades da minha família, não vou passar o fim de ano de novo. Eu já passei 3 fim de ano na Fase. (Escritos do Antônio)

Seguindo sobre a experiência da escrita, Costa (1998) fala que a necessidade do sujeito de contar-se resulta em uma ficção de si mesmo. Este contar-se se relaciona com a construção ficcional, ou seja, a versão que cada um dá para a sua própria história. Mas, sobretudo, se relaciona com um interessante paradoxo: ser simultaneamente contado e contador. Neste compasso entre contado e contador, passamos a conhecer um pouco mais as singularidades de cada adolescente:

Daniel pega o papel e começa a escrever e Samir se ocupa de encapar o diário. Antônio diz novamente que escrevam o que vem na mente, que nem nos bretes. Todos começam escritas individuais, e vamos conversando enquanto escrevem. Samir conta que tem dois filhos, me pede ajuda pra escrever os nomes deles. Diz que sabe apenas escrever seu próprio nome. Tem várias tatuagens e os nomes dos filhos tatuados. Vejo que recorre à tatuagem para copiar o nome dos filhos. (Fragmento dos Diários de Experiência da pesquisadora)

Além de demonstrar muito interesse pela Roda, Samir desenha nas capas de seu diário e, à pedidos, na dos demais participantes da Roda, visto que desenha muito bem. Consegue copiar as letras, como citado no fragmento anterior, mas não consegue ler o que escreve:

Samir diz que não sabe escrever, e que não ia no colégio. Perguntei o que acontecia, e ele disse: “*eu não parava na escola, dona. Desde pequeno, não ficava parado. Brigava muito, ninguém aguentava*”. Diz que copia as palavras que vê escritas, mas que sozinho não sabe escrever e ler. Me mostra frases e músicas copiadas das paredes, que pede para os outros guris lerem para ele. (Fragmentos dos Diários de Experiência da pesquisadora)

Na história de Samir, a marca do abandono da mãe, “*que morreu para mim quando eu tinha dois anos*”, e do próprio laço social, através da escola que não consegue realizar a alfabetização do adolescente, nem lhe dar suporte ante as dificuldades relatadas. Para Sousa (1998), é no terreno da infância que, através dos desenhos e garatujas, somos iniciados no campo da escrita. O autor entende que, para que se constitua a possibilidade da escrita para a criança, é necessário a constituição do movimento de presença-ausência, lugar onde a falta pode ser instaurada. Para o psicanalista, a criança só consegue acessar a escritura ante a operação de recalçamento do desejo, sendo a escrita, a partir disso, nada mais do que um “jogar com a ausência”, sendo que é “com os primeiros atos de escritura que a criança aprende a contornar esta ausência” (p.32).

No importante texto “O estádio do espelho como formador da função do eu”, Lacan (1949/1998) afirma que o sujeito se constitui a partir do desejo do outro, exterior a si. É neste espaço, neste intervalo entre o pequeno ser e o desejo mãe, que passa a se constituir o sujeito. No mesmo sentido, Guimarães (2007) refere que a escrita seria um modo de sustentar este intervalo, comportando assim a alteridade. Para a autora, se há o apagamento desta alteridade e a impossibilidade de instauração de um lugar de exílio, a possibilidade da escrita se vê ameaçada, podendo ter como consequência a inibição do ato de escrever.

Voltando a Samir, sobre o pai, traficante, ele nutre admiração e também grande preocupação. Em certo encontro, referia angústia imaginando que algo ruim acontecera com o pai, necessitando então realizar uma ligação telefônica para certificar-se de que este estava bem. Algo que chama muito atenção em Samir são suas tatuagens, que

cobrem parte de seu rosto e dos braços. Os símbolos e palavras escritos no corpo, contam sua história:

“Essa cruz é pro meu irmão que morreu”, ele diz. Percebo que fica vermelho, se fecha um pouco. Ele vai contando que o irmão foi assassinado na guerra do tráfico, que tinha recém feito 18 anos quando morreu. Ele tinha 12 ou 13. Me diz que a vida ficou horrível após essa morte,, cabisbaixo e com os olhos lacrimejantes. Tatuou também *“Bruno para sempre”*, nome do irmão morto, no rosto. Tem também o nome dos dois filhos e com seu próprio nome. Penso nessas marcas todas que tem de estar ali pra registrar essa *vida loka*, a existência, a morte. O Samir que não sabe ler leva os nome escritos na pele. (Fragmento dos Diários de Experiência da pesquisadora)

Atravessadas pelas proposições de autores como Rassial (2005) e Gurski (2012), pensamos na difícil tarefa de dar conta do encontro com o real da morte, que supomos experienciarem os adolescentes, dentre eles, Samir. Ante a impossibilidade de encontrar recursos simbólicos para dar conta do real, ele parece recorrer à tatuagem como uma tentativa de imprimir um marco, de significar este encontro com o horror da perda precoce do irmão, vítima de homicídio. Nesta situação, encontramos as palavras, a escrita, operando como uma ponte para, conforme Costa (2009) a apropriação de algo da ordem do irrepresentável. Porém, ao tratar-se de uma tatuagem para o irmão morto impressa no rosto, também somos levadas a pensar nessa escrita “maciça”, que imobiliza o escrito e o sujeito, paralisando-o no tempo e ornando eterno e imóvel a violência sofrida.

Outro ponto importante é que Samir carrega o nome dos filhos tatuados, junto de seu próprio nome. Quando lhe perguntamos o nome de seus filhos, aponta para as tatuagens, e às vezes, se atrapalha na pronúncia, como se esquecesse os nomes. Certa vez, carregava consigo uma pulseirinha com o nome de uma sobrinha escrito. Ao dar-se conta de ter perdido a pulseira, entrou em desespero, tendo sido acalmado pelo grupo.

Para Costa (2004), corpo e escrita possuem dois modos de articulação, sendo um deles público, através da dimensão coletiva da escrita, que inscreve o corpo no olhar no Outro, assim como através da tatuagem. Se podemos entender que é o olhar do Outro que constitui o sujeito, talvez pudéssemos também reconhecer as tatuagens de Samir como uma tentativa de, através desse olhar do Outro, que mira o escrito tatuado em seu rosto, ser reconhecido enquanto sujeito que sofre, que tem uma história. Samir pôde nos contar sobre o irmão, sobre a saudades que sente, sobre a dor de ter o perdido.

O outro modo descrito por Costa (2004) sobre a articulação entre corpo e escrita em seu artigo “A transicionalidade na adolescência”, é o privado, e se traduz pela escrita de diários, que também estiveram presentes na Roda. Para a autora, este modo de articulação entre corpo e escrita se relaciona com o que sobra de resto na operação de representar o corpo que vive o adolescente.

3.3.3 O diário: costurando a Roda

Conforme Costa (2001) refere é na adolescência que a escrita se apresenta pela primeira vez como uma “mudança de endereço” (p.136), resultante de um conflito na busca e reconhecimento de um lugar próprio do sujeito. Para a psicanalista, a escrita de um diário na adolescência funcionaria feito o jogo de carretel da infância, de modo a permitir os trânsitos de ir e vir entre lugares, constituindo-se como um lugar curioso, composto pelo compartilhamento dos códigos sociais entre pares, e ao mesmo tempo, daquilo que é o mais íntimo do sujeito, orientado apenas pela escrita daquilo que não pode ser dito.

A escrita de diários por sujeitos em privação de liberdade tem se tornado notória ao longo dos últimos anos, tendo sido fonte inspiradora para a produção de músicas e livros, como a canção “Diário de um detento”¹⁶ e o livro “Diário do Diabo”¹⁷.

No intuito de podermos nos encontrar com as palavras presentes no dia a dia dos adolescentes, fornecendo-lhes deste modo um espaço diário de interlocução, entregamo-lhes cadernos individuais, para que cada um, conforme tivessem vontade, pudessem utilizá-los feito um diário, o que acabou ocorrendo: Samir, Antônio, Daniel, Ricardo e Michel passaram a escrever diariamente, compartilhando conosco alguns trechos durante os encontros.

Neste trânsito entre os dias que se passavam no intervalo de cada encontro semanal da Roda, fomos notando em Samir, assim como nos demais adolescentes, um desejo pela escrita, principalmente através do diário. Solicitava constantemente ajuda dos

¹⁶ Canção de *Rap*. do grupo Racionais MC's, escrita por Mano Brown com contribuição do ex-detento Jocenir, lançada em 1998.¹ A letra da música aborda a rebelião do presídio do Carandiru, ocorrida em 1992.

¹⁷ Livro autobiográfico de Luiz Augusto Félix dos Santos, que narra sua passagem pela antiga Febem, e também a vida como presidiário.

colegas e da pesquisadora a fim de aventurar-se pelo mundo das palavras, visto sua dificuldade em ler e escrever: “*o que está escrito ali?*”, perguntava, apontando para os escritos dos outros meninos. Com auxílio dos demais participantes da Roda, nasciam pequenas frases:

Pai, você é tudo. Mãe, t amo. (Escritos do Samir, com ajuda da pesquisadora)

vida loka. Hoje acordei esperandp a esperança q vou embora. (Escritos do Samir, com ajuda de Daniel)

Em seu diário também apareciam as frases das paredes do brete, seguidas constantemente de pedidos para que a pesquisadora os lesse: “*Quero saber se o que copiei é mesmo aquilo que tava na parede do brete. Mas não sei se copiei certo*”, dizia. O jovem Samir também ditava para os outros meninos, ou para a pesquisadora, o que gostaria de escrever, promovendo assim um trabalho conjunto:

Até onde vai a ambição de um homem? vida loka
(Escritos do Samir, com ajuda da pesquisadora).

Samir, certa vez, veio mostrar o diário, e ao abri-lo, encontreis páginas e mais páginas com seu nome escrito em letras garrafais: “*estou conseguindo escrever meu nome, dona!*”, disse o adolescente sorridente e muito empolgado. Costa (2004) afirma que o ato de escrever tem relação com uma escolha feita pelo sujeito, como uma forma singular que este encontra para ocupar um lugar, buscando a partir da escrita, se inserir numa relação diferente com o Outro. Neste sentido, a escrita não se restringe ao que é escrito fortuitamente, sendo sua função mais abrangente: pode produzir importantes efeitos de sujeito, pois a escrita faz marca, possui traço e produz inscrição do sujeito, imprimindo assim um lugar para ele. Passamos a pensar nas múltiplas páginas do diário, onde se lia “SAMIR SAMIR SAMIR”, trazidas com tanta empolgação, como uma tentativa de inscrever algo sobre si mesmo. Ao pensarmos na fragilidade das inscrições

na vida deste adolescente, na dedicação dele à escrita de seu nome, pensamos que ele parece ter encontrado um jeito de produzir um lugar “para chamar de seu”.

Rickes (1998) entende que a partir da escrita de um texto, algo do texto faz marca no sujeito, fazendo com que ele não se encontre mais no mesmo lugar. Mas isso só se sabe no *a posteriori*¹⁸, não se pode prever ou anteceder à própria escrita. Deste modo, para a autora, escrever traz consigo sempre um risco, um não saber onde se vai chegar ou no que vai resultar, tanto em relação ao texto em si quanto à própria experiência de escrever.

As folhas escritas de Samir são muitas, permitindo o surgimento de perguntas: “Até onde vai a ambição de um homem?”. E a *vida loka*, até onde vai?

Tivemos a impressão de vermos surgir vislumbres de uma outra versão do adolescente, não tão malandro e afrontador, como se tivesse sido possível “baixar a guarda” da *vida loka* durante a Roda, a partir dos laços estabelecidos.

Já Antônio deu-nos a impressão de ir descobrindo a escrita no diário aos poucos. Conforme narrativa no Diário de Experiência da pesquisadora, ele diz:

Antônio diz: “*Não consigo dormir, dona, a cabeça não para, dona. Tento dormir mas não consigo*”. Pergunto que coisas passam na cabeça, e ele diz que é muita coisa, que não sabe dizer. Digo que ele pode tentar escrever no diário essas coisas que passam na cabeça. Ele diz: “*então sempre que eu precisar vou escrever tudo aqui, vou escrever todo dia*”. (Fragmento dos Diários de Experiência da pesquisadora)

O adolescente começa então a escrever no diário durante a noite, passando a colocar em palavras aquilo que lhe acompanhava na hora de dormir:

Saudade da família a 1.000. Ódio dos amigos.
Raiva, muita. Só Deus pode me julgar pelos meus
pecados (Escritos do Antônio).

O adolescente alterna sua frequência na Roda de Escrita com a participação em outra atividade artística que ocorre no mesmo horário. Ao cruzar com a pesquisadora nos

¹⁸ Do Latim, em tradução livre: só depois.

corredores da instituição, acena e enuncia, sem que lhe seja perguntado: “*estou escrevendo, dona! Semana que vem, pinto lá!*”. Com 16 anos, e cumprindo medida por tráfico e homicídio, o jovem compartilha conosco o modo como pensava solucionar o mal estar que sentia:

Antônio diz: “*Hoje eu acordei com muito ódio, dona*”. Começamos a conversar e ele diz que para passar o que está sentindo, gostaria de torturar alguém, algum inimigo, alguém que não goste. Pergunto se haveria um outro jeito de lidar com isso que sente. Ele diz: “*sou um cara de agir, não um cara de pensar*”. (Fragmento dos Diários de Experiência da pesquisadora)

Em outro encontro, ele traz este escrito:

Hoje eu me acordei no ódio. O meu irmão foi prezo mais não dá pra se abalar. Hoje me deu saudade de vc, mas do que adianta eu ta com saudades de você e tu nem aí? Mas tudo vai ser cobrado. Agora não vou mais me abalar por uma mina que só me arrumou ladaia, mais tá na mão de deus. Dia de caça e do caçador. Naquele mundo de gostosa, eu só tinha mulher boa. Hoje quem me fas visita é só minha coroua. Só quero sai daqui e jamais me vingar. (Escritos do Antônio)

Misturando seus escritos autorais com trechos de músicas, Antônio nos transmite a impressão de ter criado um modo de expressar, através da escrita, as tramas em que se encontrava, parecendo transitar entre o desejo de vingança “dia de caça e do caçador” e o de “jamais me vingar”. Costa (2001) nos fala à respeito da escrita como ato criativo e como um potente operador na subjetividade do sujeito:

Freud tem razão em um ponto: o ato criativo é uma resolução – uma saída – para algo impossível de expressar como sintoma. Talvez a escrita possa ser considerada, quando necessária, como um *a priori* para a construção de um sintoma singular. (Costa, 2001, p.132)

Lima (2014) faz uma colocação muito pertinente acerca da escrita de diários na adolescência ao evocar o texto “Função e campo da fala e da linguagem”. Nesta conferência, Lacan (1953/1998) se refere ao inconsciente como “história”, passando a

entender o processo da análise como uma assunção da história do próprio sujeito. A partir disso, passa a distinguir dois tipos de historização: a que ele vai chamar de primária equivale à simbolização, sendo o real traduzido em verdade, e a história do sujeito organizada na sua relação com o Outro. Já na historização secundária, “o ocorrido de maneira contingente torna-se o caminho necessário para alguém ser o que deverá ser. As conjecturas do passado se articulam com as promessas do futuro” (Lima, 2014, p. 140).

Partindo deste entendimento, Lima (2014) propõe que se tome o diário na adolescência como uma historização secundária, visto que ao escrever seus textos, o jovem constrói uma história sobre si, que é reordenada por um acontecimento histórico, um desencadeador que precipita sua escrita. Esta escrita leva, de alguma forma, à construção de outras posições pelo sujeito, podendo deste modo enlaçar passado, presente e futuro, tecendo assim uma escrita de si, um outro romance familiar (p.140).

Mesmo sabendo que Lima (2014) trabalha o tema dos diários em outro diapasão, suas proposições parecem fazer sentido ao examinarmos algumas enunciações escritas dos meninos:

Não vou proibir meu filho de fumar maconha e beber com amigos por que não adianta. Minha mãe me proibia e olha onde eu fui parar... na sala da Fase expresando meus sentimentos numa folha. Talvez se minha mãe não me proibisse muito eu não estaria aqui por que eu gostava de contrariar tudo o que ela falava. Ex: Não fuma cigarro. Eu ia e fumava, roubava, traficava e bebia muito.
(Escritos do Michel)

Neste trecho do diário de Michel, o adolescente enlaça passado e presente, revendo sua trajetória e realizando uma reflexão acerca de sua relação com a mãe, bem com uma certa responsabilização acerca de seu envolvimento com o mundo do crime: “*eu gostava de contrariar*”. Ao escrever “*não vou proibir meu filho de fumar...*”, Michel parece bordejar o futuro, e a escrita de um outro romance familiar. Quanto à responsabilização, notamos que ela parece surgir em diversos escritos realizados pelos adolescentes, bem como nos diálogos ocorridos na Roda. Fomos percebendo os jovens,

pouco a pouco, se questionando e falando de suas participações nos delitos, bem como, por vezes, parecendo-nos buscarem encontrar saídas para não reincidirem nos atos infracionais.

Neste sentido, Guerra, Grillo, Edmundo e Moreira (2015), referem que as noções de responsabilização ante a ofensa representada pelo ato infracional seriam um dos principais objetivos das medidas socioeducativas, segundo o SINASE¹⁹. Os autores referem que a constituição das fundamentações das noções de responsabilização se dariam através da preservação de dois princípios: ultrapassar as práticas assistencialistas, que acabam por retirar o adolescente da posição de sujeito de sua história, e ainda, poder considerar a condição peculiar em que se encontram os sujeitos adolescentes.

Conforme os adolescentes seguiam escrevendo, e partir das assertivas de Lima (2014), reconhecemos que a escrita do diário e seu compartilhamento nas Rodas parecia abrir espaço para novos lugares, para novas questões, como as palavras de Antônio nos fazem pensar:

vida loka - tava alembando do pasado. Cadê
minino bonsinho :(? (Escritos do Antônio)

Questionando-se acerca de seu escrito sobre o “menino bonzinho”, modo como a mãe lhe chamava quando criança, Antônio enrubesce, se emociona. Olha para os demais meninos e para a pesquisadora como que esperando uma resposta: “*Onde foi parar?*”. Com uma certa nostalgia, relembra alguns momentos da infância e a proximidade com a mãe: “*minha corôa chora, se sente culpada pela vida que nós leva. Mas não é culpa dela não. Mas ela é uma mãe, as mães são assim*”, revela.

Na adolescência, momento de passagem para o qual não há inscrição, Lima (2014) afirma que escrita de um diário oferece a possibilidade de “situar essa passagem como suporte da reconstituição do corpo” (p.156), se apresentando como um modo de reconhecimento de si mesmo como o protagonista de sua história. Refere ainda que:

Ao se fazer protagonista da sua própria história, no ritmo e na temporalidade próprios da escrita diária, o sujeito adolescente pode descobrir um ponto de sustentação significativa. Assim, a escrita de seu “romance particular” pode

¹⁹ Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo.

funcionar como um operador de subjetivação para o adolescente. (Lima, 2014, p.159)

Costa (2001) refere ainda que a escrita em um diário na adolescência pode funcionar do mesmo modo que o objeto transicional, justamente nesta fase da vida onde o sujeito se encontra em um certo estado de exílio, em busca de um modo de se fazer representar. Para a autora, a escrita pode se apresentar como uma forma de dar “guardida e trânsito” (p.133) ao sujeito nesse período que é de não resolução.

Entre este “ir e vir”, como num do jogo do carretel, pudemos entender que os adolescentes esboçaram, através da escrita no diário, nuances de outras versões de suas histórias. Amparados pela e encontrando na Roda espaço para reescrever suas histórias, as páginas foram sendo escritas, servindo também como costuras entre adolescentes e pesquisadora, ou ainda, como um elo entre a Roda e os adolescentes. Uma situação que nos levou a pensar nisto se deu após o quarto ou quinto encontro, quando as atividades foram suspensas por cerca de um mês, devido a questões institucionais. Ao retomarmos as atividades, escutamos dos adolescentes frases tais como a dita por Samir: *“Achei que tinha esquecido da gente, dona. Mas eu segui escrevendo no diário”*.

Notamos que os adolescentes seguiram enlaçados com a Roda, através do diário, que permaneceu com eles ao longo de nosso afastamento. Esta função seguiu se cumprindo ao longo das semanas que separaram um encontro e outro. A materialidade da escrita e do diário parece ter sustentado os laços que vinham se estabelecendo entre nós.

3.3.4 Os escritos das paredes: transmissão de um saber

Outra importante marca que vimos surgir na Roda foi a presença constante dos escritos das paredes dos bretes, uma das fontes inspiradoras para construção do projeto. Ao conversarmos a respeito desses escritos, Ricardo referia: *“a gente sabe que não pode, mas a gente escreve, sempre consegue uma caneta né, dona. O cara fica lá, sem nada pra fazer, muita coisa na cabeça, daí a gente escreve”*. Sobre esses dizeres de Ricardo, poderíamos pensar na escrita como uma forma de escoar “muita coisa na cabeça”, além de ser um modo encontrado pelos adolescentes de se fazerem visíveis na

instituição, afinal, como não enxergar as letras garrafais, coloridas, que vão do chão ao teto?

Soares (2004) refere que, muitas vezes, o delito parece representar um modo de os adolescentes da periferia se fazerem notar, funcionando como um passaporte para a visibilidade, ainda que seja, pelo medo despertado nas vítimas. Poderíamos pensar que essa escrita “proibida”, que, como dizem os meninos, “*a gente sabe que não pode, mas escreve*”, seria uma outra versão, um outro modo criado pelos adolescentes de se fazerem visíveis na instituição, para além do delito? Provocando o “sistema”, escrevendo pelas paredes, parecem resistir ao apagamento, desta vez, de um modo criativo, diferentemente do ato infracional:

Da janela vejo o sol. As nuvem se escondem. Penso: o que vai acontecer? o tempo passa. Fico ali todo sem grassa. Lágrimas banham meu rosto. Choro muito. Procuo me controlar mas não consigo. É tanto choro! Preciso de um ombro amigo. (Escrito das paredes do brete, escolhido por Daniel)

Notamos que os adolescentes, além de escreverem pelas paredes, traziam muitas destas frases em seus diários, fossem as de suas autoria, ou de autores desconhecidos, passando a discutir a respeito delas durante a Roda. Escutamos este movimento de maneira atenta, pois ia ao encontro de com nossa percepção inicial de que algo estava sendo comunicado através das paredes e precisava ser escutado. Passamos também a perceber que a escolha dos jovens em copiar as frases tinha relação com suas identificações com os conteúdos presentes nos escritos realizados por outros jovens, funcionando como um modo de contar-se através da palavra emprestada por um outro adolescente:

Às vezes, um cara como eu quer ser alguém na vida. Quer plantar sua semente e colhe o fruto certo. Quer valorizar cada momento. O sofrimento? Tive que aproveitar. Alimentou minha coragem. Mas ter medo é necessário. Pensar antes de agi é derrubar o mal. É

virtude do ser humano manter-se firme. Pensar que o amanhã a Deus pertence, seguir em frente, de cabeça erguida em qualquer situação. (Escrito das paredes dos bretes, trazido por Daniel)

Seu jeito meigo, a beleza, seu corpo, a roupa. Tudo mi conquistou. Sem você nos braços, me sinto incompleto. Meus sentimentos me confundem sem você por perto. Você foi minha sorte grande. Sem vc eu não consigo nem dormir, penso em ti todo instante. (Escritos das paredes do brete, trazido por Daniel)

Pensamos, a partir destes recortes que foram sendo trazidos, que para além da identificação do jovem com o conteúdo presente na frase copiada das paredes, há também a identificação com o autor desconhecido, também adolescente, que em algum momento passou pela instituição:

Estou aqui fechado, mas logo vem minha liberdade. Aqui dentro nem todos são meus amigos. Alguns até são amigos e camaradas. Na rua fiz tantas coisas erradas. Foi um pesadelo que assombra as madrugadas. Hoje sou mais um guerreiro considerado na quebrada. Fiz mal pra muita gente. Hoje procuro melhorar. (Escritos das paredes do brete, trazido por Daniel)

Quem sorriu na minha ida vai chorar na minha volta. Como diz os vida loka, só deus sabe a minha ora! (Escritos das paredes do brete, trazido por Daniel)

Aqui não existe tortura mais cruel do que a saudade. Aqui atrás das grades não tem recuperação. Só alimenta o ódio que nós tem no coração. (Escritos das paredes dos bretes, trazidos por Samir)

Todos devemos pagar pelos nossos erros, mas temos uma segunda chance para encarar a vida novamente. (Escritos das paredes do brete, trazidos por Daniel)

Como um legado, essa espécie de transmissão de um saber, um saber da *vida loka*, um saber da sobrevivência na instituição, a escrita pelas paredes se transmite de um para outro, fazendo com que tantos jovens autores que já se foram, emprestem suas palavras aos que chegam, e estes, por sua vez, parecem reconhecer no concreto que os cerca, um espaço para criar, responsabilizar-se, e resistir ao silenciamento, um espaço para criar um outro lugar no Outro.

3.3.5 Sonhando e escrevendo: do 157 a escrita de outras versões

Reescrever os modos de se inscrever no laço social, que se traduzem pela busca por um lugar de autenticação, de um nome para o gozo, continua sendo a tarefa central da adolescência contemporânea (Guerra, 2017). Conforme Lacadée (2012), para uma porção dos sujeitos, tal tarefa torna-se um risco, na medida que, ao se encontrarem com um “excesso de gozo que invade seu corpo” (p.59), um excesso que não encontra aporte no laço social, e que acaba por colocá-los para fora do discurso, esses jovens sujeitos podem acabar optando pelo que o autor nomeia de “errância verbal ou física” (p.59), cuja forma de apresentação pode ser através dos atos infracionais. Lacadée (2012) trabalha com a noção de que na adolescência se daria uma “crise na linguagem”, pois o jovem não

encontra mais abrigo no discurso do Outro, como se passava na infância, rejeitando deste modo o discurso e o saber que consentia no passado (Lacadée, 2012).

Deste impasse entre linguagens, sugerido por Lacadée (2012), surge para o adolescente a tarefa de “encontrar uma língua para dizer sobre si ao Outro” (p.261). Nos meandros do desacordo, o jovem acaba por ser lançado no vazio, ficando à mercê de uma certa instabilidade linguageira (p.263). O autor segue:

a passagem ao ato ou a uma prática de ruptura condena o sujeito a uma errância, longe de qualquer inscrição significante que possa ancorá-lo no campo do Outro. O ato serve, então, às vezes, como modo de saída ao impasse da relação com o Outro, ao que é experimentado a partir de um impossível a dizer. (Lacadée, 2012, p.263)

Ante esse “impossível de dizer”, Lacadée (2012) refere que, por vezes, o adolescente vai fazer-se nomear como “psicopata” ou “toxicômano”, mas também podemos pensar em como os adolescentes costumam nomear-se pelos códigos penais referentes aos delitos cometidos, tendo os números 121, 157, 147, inscritos em tatuagens, nas folhas em que escrevem durante a Roda de Escrita, também presentes pelas paredes dos dormitórios.

Ao darmos início à convivência com os adolescentes participantes desta pesquisa, ainda antes mesmo da Roda de Escrita iniciar, percebemos que uma das formas muito presentes de se apresentarem tinha relação com os atos infracionais cometidos: pareciam preocupar-se em demonstrar força, malandragem, em enunciar os códigos penais referentes aos delitos. Era como se, conforme já referido por Lacadée (2012), ante ao impasse em se fazer representar, na impossibilidade de ancorar-se no Outro, os adolescentes se apropriassem dos “papéis de traficante”, dos códigos penais, dos “títulos” da *vida loka*, e passassem a contar suas histórias destes pontos de partida.

Este modo de se apresentar, ou seja, esta forma de se contar ao mundo, através dos delitos, apareceu desde os escritos pelas paredes, até os escritos na Roda e nos diários. Nos encontros iniciais, enquanto as capas dos cadernos eram confeccionadas, os códigos se apresentavam, em letras destacadas. Nas falas, a malandragem, a ousadia das ruas, as gírias do mundo do crime: “*sou patrão da quebrada*” e “*tô grandão*” foram frases que escutamos. Sob o título de “Vida Loka”, Antônio e Michel escreveram:

Hoje eu estou aqui trancafiado cumprindo pena. Governo me mandou pra cá sofre na cadeia, mas não me assustei.

Conforme os encontros aconteciam, os adolescentes iam contando seus delitos, infrações, as razões de estarem cumprindo medidas. Pareciam, muitas vezes, querer mostrar quem era o mais temido, o mais “grandão”:

Antônio diz: “*fiz muita maldade*”, e em seguida refere que não é fácil falar disso, que tem mta coisa ruim na cabeça. Em seguida é interrompido por Michel, que diz que xingou um juiz na audiência, e que daí teve de retornar pra Fase. Foi e voltou em 15 dias, pois voltou a assaltar quando saiu dali. Diz que roubava qualquer coisa, mas principalmente carros. Conta que foram buscá-lo pra audiência em seu local de trabalho (estava trabalhando como mecânico). Disse que parecia que os policiais tinham muito medo dele, pois estavam de colete e com carrão, e eram três homens para buscar um só. Conta rindo esses fatos, e diz que então ficou brabo com isso e que o juiz fazia muitas perguntas, se sentiu incomodado, sendo esse o motivo do xingamento. (Fragmento dos Diários de Experiência da pesquisadora)

Em outro relato, tivemos impressão semelhante:

Enquanto escreve em conjunto com o grupo, Antônio diz: “*o Paulo uma vez tacou fogo num carro com um pedreiro (usuário de crack) dentro. Deu uns tiro no cara por vingança, ele e mais uns mano. Os caras viviam se crescendo pra cima da gente quando tava de patrão. Depois apareceu de pedreiro, locão, daí eles aproveitaram pra se vingar. Daí meteram bala nele, botaram num carro e tacaram fogo*”. (Fragmento dos Diários de Experiência da pesquisadora).

Lacadée (2012) refere que o encontro com o real vivido na adolescência faz com que a angústia, o tédio, a solidão e também a agressividade ocupem um primeiro plano, sendo estes sentimentos vividos de forma ainda mais aguda quando os jovens residem em regiões periféricas, onde o laço social oferta um número menor de oportunidades de lazer, educação, saúde e cultura.

Deste modo, somos levados a crer então que o ingresso para o mundo do crime poderia ter relação com um modo de se fazer representar no social, um modo de nomear o impasse em relação ao Outro e ingressar na linguagem (laço social) através do ato. É o ato que poderia então transmitir (e encontrar) um lugar para o adolescente, errante ante o impasse da busca por um outro modo de se fazer representar.

Assim, poderíamos pensar que, na periferia, os adolescentes seriam convocados intensamente à propostas de se reconhecerem, e de serem reconhecidos, a partir dos atos infracionais, considerando o papel desempenhado pelos traficantes em suas comunidades: o traficante dispõe de amplos poderes sobre a vida e a morte dos membros de seu território. É importante salientar que o papel do chefe do tráfico também é, muitas vezes, trazer para a comunidade que comanda certos benefícios que o Estado falha em fornecer. Ou seja: o chefe do tráfico pode apresentar-se como um modelo a ser seguido pelos jovens. Os adolescentes identificam-se, desejam ser “patrão”, carregando, muitas vezes, o código do delito inscrito na pele e também no nome: “Michel 157, 121”, costumava assinar o jovem ao final de seus escritos na Roda.

Daniel, o adolescente que ingressou na Roda a convite de Ricardo no segundo encontro é calado. O jovem recusa-se a falar sobre a razão de estar na instituição, e parece ao mesmo tempo, espantado com os relatos dos demais jovens. Ao ser perguntado por outro adolescente se tinha envolvimento com o tráfico, reage: “*eu não, bem capaz!*”. Muito participativo com seus escritos, é através deles que permite com que possamos conhecer um pouco de sua história:

Como foi a minha vida quando meu pai e minha mãe brigaram, eu tinha 1 ano de idade, meu pai foi preso, e daí eu fiquei com a minha vó até os sete anos, até o meu pai sair. Minha mãe tava no hospital, e daí ela foi embora para o Paraná, e eu fiquei com a minha vó e com meus irmãos. Nós não tinha comida, pedia na casa dos outros.... (Escritos do Daniel)

O compartilhamento desses escritos sobre a vida de Daniel com os demais integrantes da Roda abriu espaço para algumas reflexões:

A pedido de Daniel, li seus escritos para o grupo. Ao acabar de ler, houve um silêncio. Perguntei o que pensavam. Antônio e Michel dizem: “*poxa, que história! Muito sofrimento, cara*”. “*Minha vida não foi assim não, sinistro*”, “*Tive dificuldades mas não foi assim tanto*”. Samir diz: “*minha vida foi bem assim também, parecida com a dele, muito sofrida*”. (Fragmento dos Diários de Experiência da pesquisadora)

Os adolescentes passaram a discutir a respeito de suas entradas para o crime, dos problemas familiares, tendo sido por alguns dos guris referido que as dificuldades da vida, especialmente relacionadas à dificuldade financeira, seriam os motivos que os levaram a começar a traficar: *“ah, a gente quer sustentar a família, quer comprar coisas boas”*, referiu Ricardo, ou ainda, *“ah, a gente sai no mundão e fica louco, quer as coisas, daí a gente quando vê, fica difícil não fazer”*, disse Michel. Ao mesmo tempo, podíamos escutar relatos como o de Antônio, que referia: *“Sabe, a gente lá em casa sempre gostou de armas. Toda família vive assim, é assim que funciona. A gente não passou fome, não passamos necessidade, a gente curtia os bagulho de andar armado”*.

Guerra, Cunha, Costa e Silva (2014) referem que os jovens das periferias, ao se depararem com o despertar da puberdade passam a ter acesso fácil às drogas, ao sexo e ao crime. As autoras sugerem que tais elementos são, muitas vezes, as saídas mais fáceis para encobrir o encontro com o real da falta, com o furo no saber, inerente à adolescência.

Ainda para as autoras, as condições de vida dos adolescentes que acabam entrando em conflito com a lei, ou seja, grande parte oriundos de periferias, *“forçam uma urgência de resposta do sujeito, constituindo um estilo adulto de funcionar no mundo, sem o tempo de elaboração dessa posição”* (p.174), o que corrobora com aspectos percebidos nos meninos que compunham a Roda, que já possuíam, ainda que muito jovens, casamentos ou filhos, bem como a conquista de patrimônio (casa, carro, moto), além de, muitas vezes, ocuparem um lugar de referência e sustento de suas famílias. Nesta mesma direção, Guerra et al. (2014) explicam que:

Ao se deparar com o que faz furo no saber, o sujeito adolescente precisa construir novo saber sobre si que possibilite alojar o seu gozo e sustentar seu desejo. Para isso, é necessário esse compasso de espera para que o sujeito possa construir sua resposta, compor o arranjo com o qual organizará sua existência, sua relação com o mundo e com o gozo. Diante dessa falha de saber no real, que se presentifica para todos, a trajetória de alguns jovens parece conduzi-los a estratégias de inscrição - e não de segregação - no laço social pela via do crime. (Guerra et al., 2014, p.174).

Não tendo espaço para elaboração do encontro com o real, os adolescentes transmitem a impressão de uma identificação imaginária com os ideais do crime, passando a tomar para si este modo de vida, não realizando a passagem simbólica “que

lhe conferiria a configuração de uma resposta aos impasses da puberdade” (Guerra et al, 2014, p.174).

Tivemos a impressão que os escritos de Antônio e Daniel, assim como os demais escritos e falas do grupo, ao longo dos meses em que aconteceram os encontros da Roda, foram propiciando certos afrouxamentos nos saberes que se apresentavam como totais, e que lhes asseguravam um lugar, um modo de se fazer representar no laço social:

Amor é só de mãe!!! Eu não sei o que é amor
de verdade. Eu só fiz maldade, por isso que eu não
sei o que é amor de verdade. vida loka tb ama
(Escritos do Antônio).

Entre a “maldade” e a figura maciça de “patrão” passou a surgir a dúvida “*não sei o que é o amor de verdade*” e a afirmativa de que “*vida loka tb²⁰ ama*”. Dentre a mistura paradoxal de percepções a respeito de si próprio, parece ressoar um desejo de ser visto não somente como alguém capaz de fazer “só” maldade, mas de ser visto também como alguém capaz de amar.

No compasso que parece deslizar brevemente os significantes, o “*Amor*” que “*é só de mãe*”, nos leva a um Antônio menino, o “menino bonzinho” da mãe, que ante os impasses da puberdade, responde à urgência de uma resposta ao mundo adulto, como se saltasse do “*menino bonzinho*”, como refere que se reconhecia, do “*amor de mãe*” para a *vida loka*, para o “mundão” do crime.

Parecendo buscar outro nome, cerceando a “*vida loka tb ama*”, durante os encontros, Antônio também demonstrou bastante curiosidade quanto ao destino das escritas realizadas na Roda, perguntando várias vezes quem teria acesso a elas, ou o que se produziria a partir de nossos encontros. Respondi a ele, assim como já havia explicado ao grupo todo, que produziríamos um trabalho a partir daquela experiência, e que este trabalho, poderia inspirar outros pesquisadores a desenvolverem projetos semelhantes em outras instituições. Antônio pareceu motivar-se com este fato, com a possibilidade de ser “lido” por outras pessoas. Para este jovem, expressar-se através das palavras escritas, que seriam então lidas, conforme suas palavras “*pelo pessoal da UFRGS*”, parecia

²⁰ Tb: abreviatura da palavra “também”

apresentar-se como uma possibilidade de ser visto diferente, de mostrar um “outro lado” para além de “traficante”, “vagabundo” . Seria um jeito de mostrar que “vida loka tb ama”?

Também podemos entender este movimento como propõe Schaffer (2013), ao referir que podemos tratar a experiência da escrita não como uma transcrição apenas, mas sim como um desejo de escrita, que comporte a noção de inscrição de um ato singular endereçado ao laço social. Neste sentido, Antônio, e também os demais jovens, como Ricardo, passaram a preocupar-se com as reverberações de nossos encontros, para além dos muros: *“E a dona vai fazer essa oficina em outros lugares?”*, perguntavam. Cientes que se tratava de uma pesquisa-intervenção, que teria como produto final uma dissertação, a ser compartilhada com outras pessoas, Ricardo disse certa vez: *“Daí outras pessoas vão poder fazer esse tipo de trabalho lá nas outras unidades? Ia ser bom pra eles se tivesse”*.

Retornando aos escritos, consideramos importante um momento em que, à partir de um trecho produzido por Daniel, foi possível perceber movimentos interessantes nas falas do grupo:

Daniel começa a escrever sua história, e também seus planos para a vida fora dali. Os guris começam então a falar sobre a dificuldade de deixar o crime. Antônio diz que tem emprego quando sair, mas que pensa que é complicado, porque quando estiver trabalhando, pode passar alguém e lhe dar um tiro, se vingar. Daniel interrompe e diz, muito convicto: *“tu pode ir pra igreja, se entrar pra igreja pode sair do crime, meu”*. Os outros guris dizem que não é assim tão simples, e Antônio complementa: *“uma vez eu fui atrás de um cara que traficava pra nós, ele quis sair, mas não é assim não! E ele tinha entrado pra igreja, mas né...Peguei ele saindo de lá, mandei largar a filha, que estava no colo, e pá, atirei nele ali mesmo, já era. Dai depois vim parar aqui”*. Os demais seguem falando que é complicado sair, enquanto Daniel fica com o olhar triste, desesperançado. Antônio me olha, em silêncio, pensativo. E então diz: *“é complicado né, dona, porque eu mesmo já fiz isso, de não deixar as pessoas sair. E agora eu tô aqui pensando que eu quero sair”*. E segue: *“como é que eu faço,né?”*, com uma expressão de desconcerto. (Fragmento dos Diários de Experiência da pesquisadora)

Neste trecho relatado, podemos perceber que o adolescente, a partir do diálogo despertado pela escrita do grupo durante a Roda, se encontra com dois lados de si mesmo: de “algoz”, que mata o ex-parceiro de tráfico por ter deixado o crime, e também o da vítima, no momento em que refere querer trabalhar, mas temer ser morto se fizer tal

tentativa. Pareceu ter se instaurado uma nuance de conflito em Antônio, um espaço para o pensamento e o questionamento, a partir da reflexão sobre sua posição passada e atual. Também percebemos estes movimentos surgirem em Michel e Ricardo:

Vou sair desse lugar mudado porque não quero essa vida (loka) pro meu filho. (Escritos do Michel)

Aqui nessa fase aprendi a viver sem a vida de crime porque agora eu sei q vive em paz é a melhor coisa do mundo, porque sei q vai vale a pena um dia. Queria tá perto da minha mãe porque aqui dentro ela me faz uma falta muito grande. Eu as vez olho q não valeu a pena eu ter feito as coisas errada porque perdi a coisa mais importante da minha vida a minha família e a minha liberdade e agora esto esperando um papel escrito liberdade. vai ser o dia mais feliz pra mim e pra minha família. (Escritos do Ricardo)

Pareciam surgir para além do 157, também os sonhos: de uma vida diferente da *vida loka*, longe do crime, uma vida que se duvida ser possível, como expressa Antônio, mas ainda que através de poucos encontros, foi possível vislumbrar, deslizar para sonhar. Foi com a proximidade do final de nossos encontros que Daniel também sonhou, e logo, escreveu:

Eu sonhei dormindo com a minha família, em eles pensando em mim. Eu sonhei com a minha namorada, eu sonhei que quando saísse daqui eu ia me casar com ela e levar ela para minha casa ter a minha família. E quando eu caí aqui eu pensei nesse sonho e eu fiquei em dúvida, por que os sonhos se combinaram. Parece que era para mim ter uma vida com ela, nós combina em tudo. (Escritos do Daniel)

Partindo deste escrito do sonho, em um momento que somente Daniel e a pesquisadora estavam presentes, o adolescente passou a falar do rompimento dos planos que vinha construindo. Referiu que nunca quis falar o que houve porque preferia esquecer, mas que não esqueceu. Passa a contar então livremente que cometeu uma agressão contra um homem que ele flagara abusando de uma criança. Refere que atacou o sujeito, tendo esta agressão culminado em sua detenção. Ele foi detido em flagrante:

Daniel diz: *“Não fugi, dona. Eu mesmo disse pros vizinhos chamarem a polícia. Não podia aceitar aquilo, perdi a cabeça. Tenho irmã pequena sabe, como podia ver aquilo e não fazer nada? Quando vi, peguei uma chave de fenda que tava comigo e dei na cabeça dele. E o cara, o cara tá livre, e eu agora tô aqui. Tenho que cumprir isso, depois vou seguir minha vida”*. (Fragmento dos Diários de Experiência da pesquisadora)

Do sonho que sonhou dormindo, para o sonho que sonha na Roda, e que lhe parece abrir as portas cerradas do delito cometido, Daniel escreve e compartilha seus planos do futuro, futuro esse em que ele também constrói, e cria, futuro, em que outros nomes também são possíveis de serem escritos: *“Quando sair daqui, vou acabar de construir a minha casa, e vou casar com a minha namorada. Eu errei, e eu tô aqui pagando. Vou sair limpo, começar de novo”*, diz o adolescente.

3.3.6 A Roda e seus impasses

Ao longo do período em que se desenrolou a Roda de Escrita, foi possível realizarmos 16 encontros. Nossas atividades foram suspensas em diversas ocasiões, por ordem das chefias e direção. Para a realização dos encontros, era necessário que um agente deslocasse os adolescentes para a sala do refeitório, local onde passamos a nos reunir. Como este espaço ficava dentro da ala, era necessário que um agente se colocasse ao lado de fora da porta, como em vigia da atividade que ocorria. Na ausência de funcionário para realizar a função, muitas vezes a Roda foi suspensa. Em outras ocasiões, a Roda ocorria mesmo sem a vigia. Também houveram tentativas de fuga de adolescentes na ala, uma delas, com a participação de Ricardo, que fazia parte da Roda. Este fato acarretou uma reestruturação da segurança no local, sendo neste período, também suspensos nossos encontros.

Estas interrupções produziram efeitos que fomos precisando pensar e trabalhar com os adolescentes. Foi necessário esclarecer com eles à respeito das razões pelas quais alguns encontros não haviam ocorrido. Frequentemente, descobríamos que não poderíamos adentrar a ala quando já nos encontrávamos no local. Nestas ocasiões, solicitávamos que os adolescentes fossem avisados dos motivos da não realização dos encontros. Porém, nem sempre tais recados eram transmitidos:

Encontro Samir no corredor que, ao me ver, diz: *“oi dona! Achei q tinha esquecido da gente.Tenho escrito no caderno, quero te mostrar”* (Fragmento dos Diários de Experiência da pesquisadora).

Preocupava-nos, sobretudo, que os adolescentes tomassem estas interrupções como um modo um abandono. Esta impressão tomou forma a partir do encontro que se seguiu após termos ficado quase um mês sem podermos nos ver. Michel, que sempre fora participativo e afetivo com a pesquisadora, estava hostil, desconfiado, e mesmo diante da tentativa de conversarmos sobre o ocorrido, o adolescente abandonou a Roda durante o encontro. Apesar de vários convites, o adolescente não retornou mais. Ficamos com a impressão de termos, ainda que não por nossa escolha, promovido uma repetição das vivências de abandono em relação aos adolescentes:

Quando foi possível retomar a Roda depois de quase 1 mês, vieram ao encontro Ricardo, Michel e Cristiano. Michel parecia agitado, traz um fone de ouvido junto e fica ouvindo música. Ricardo mais ressabiado, parece um pouco incomodado de estar ali. Pergunto como foram os dias, eles dizem que nada mudou, que não tem nada para contar. Ricardo aos poucos conta que ficaram esse tempo todo trancados no dormitório, que não estão tendo aula, atividades, e que isso é mto ruim. Mas em seguida diz, em tom de amargura: *“ah, mas é isso mesmo. Não viemos pra cá pra fazer atividade, viemos pra ficar presos, então é isso ae mesmo”* (Fragmento dos Diários de Experiência da pesquisadora).

Na situação da tentativa de fuga de Ricardo, o adolescente foi colocado na área de isolamento, e claro, suspenso de qualquer atividade, incluindo nossos encontros. Na semana seguinte, quando ainda encontrava-se no isolamento, o jovem chamou a pesquisadora, ao vê-la passar pelo corredor, perguntando se ela realizava a Roda de Escrita em outras unidades da Fase-RS. Ele seria transferido e gostaria de continuar participando. Falando sobre o que ocorrera na tentativa de fuga e ele referiu: *“tava angustiada, dona, fiquei sabendo que minha avó tava internada. Queria sair daqui de qualquer jeito, não consegui segurar”*. Conversamos um pouco, na presença de um

agente socioeducativo que vigiava a ala de isolamento. Parecendo dar-se conta que se tratava de um assunto privado, o agente, informando que eu não poderia permanecer ali por mais que poucos minutos, pede licença e fica um pouco mais distante, não sem antes referir: *“este guri é um guri bom, se perde por causa das drogas. Problema é que ele sai daqui e não tem nenhum tratamento bom lá fora, e acaba se perdendo, mas ele é um guri bom, a gente vê isso”*. Ricardo parece triste e desesperançoso, preocupado com sua transferência para outra casa. Conversamos brevemente sobre o ocorrido, e combino com ele que tentarei encontrá-lo em sua futura unidade, para termos mais uma conversa, e também para falarmos sobre a Roda. Ao nos despedirmos ele novamente pergunta: *“e como tá indo a Roda hoje?”*, e na sequência diz: *“eu queria dizer que gostei muito desse trabalho, dona!”*.

3.3.7 Momento de concluir... e seguir

Já nos aproximando do final do projeto, junto com o grupo de adolescentes, passamos a pensar em reunir os escritos em forma de livreto, para que pudesse permanecer um registro dos meses em que estivemos reunidos. Acreditando que a materialidade da escrita foi um ponto importante na sustentação de nossos laços transferenciais, operando como um certo fio condutor enquanto estivemos afastados, nos pareceu importante marcar, a partir da confecção do livreto, esta experiência que vivemos juntos, e principalmente, as nuances dos breves deslizamentos no discurso dos guris.

Ao pensarmos junto com os meninos sobre este momento de despedida, eles reagem de modos diferentes. Daniel refere querer que o grupo tire uma foto, mas ao mesmo tempo, afirma saber que elas não são permitidas ali dentro. Antônio, que ao longo das Rodas, trouxe, muitas vezes, o desejo de conhecer *“o pessoal da UFRGS”*, referindo-se ao grupo que fazemos parte, novamente menciona sua vontade, sugerindo então que pudessemos fazer o livreto e também um encontro. Logo os adolescentes começam a pensar em fazer uma festinha de despedida, e juntos, se mobilizaram: *“podemos juntar uma grana e pedir pra comprarem refri e salgadinhos”*, conversavam entre si.

Em nosso penúltimo encontro da Roda, apenas Samir e Daniel comparecem. Ricardo já havia sido transferido para outra Unidade e Antônio não quis participar.

Busquei contato com ele, indo chamá-lo pessoalmente para o encontro em seu dormitório. Ao me ver, não respondeu ao convite, virava o rosto e dizia para a agente socioeducativa que me acompanhava: “*o que é que vocês querem comigo?*”. Pensamos em como este momento final, de despedida, parecia estar sendo insuportável para o adolescente que tanto se entregou e movimentou nossos encontros dizendo o que “vinha na mente”. Já Samir pergunta se a Roda vai mesmo encerrar na próxima semana, e, diante de minha afirmativa, diz que “*podia ser tipo uma vida pra sempre esses encontros*”. Rimos juntos e fomos pensando no significados que os encontros tiveram para ele, passando a recordar de alguns momentos ao longo dos últimos meses. Ele menciona a ocasião em que ficou no isolamento, depois de ter sido pego fumando dentro do dormitório. Refere então: “*não esperava que tu fosse lá por que ninguém entra lá, porque é horrível, por isso não quis falar direito contigo*”. Ao ser questionado sobre que coisas lhe passaram na cabeça quando estava lá, refere não querer dizer. Depois de um breve silêncio, ele recorda de um filme, e começa contar que:

Na história desse filme tem uma mulher que atrai a morte pra si, tudo que chega perto dela morre, sabe. Daí a mulher é internada e vai até parar numa solitária. Ali nessa clínica conhece uma psicóloga, que ajuda a mulher a descobrir que ela tá possuída por um demônio. Por isso tudo, que tá perto dela morre. Daí entra um Padre na história, que tenta ajudar, e daí psicóloga e o Padre são atacados pela mulher possuída pelo demônio, mas sobrevivem. Só que eu não vi o filme até o fim, não sei como que acaba. (Samir)

Pergunto como ele imagina que seria o final dessa história, e ele diz: “*ah, a mulher se curaria, o demônio iria embora, daí ela não mataria mais ninguém. Mas sabe que todos os atores que participaram do filme morreram? É o que dizem*”. Atenta à associação que o jovem trazia a partir de suas lembranças do período em que esteve no isolamento, e às questões transferenciais, fomos pensando no quanto ali também, poder falar com a pesquisadora, era um jeito de poder colocar para “fora os demônios”. Ele entende a associação, e em seguida diz: “*mas a psicóloga morre, eu acho*”. Neste trecho, nos ocorreram dois aspectos: seu receio em “destruir” a pesquisadora a partir de seus demônios, bem como a ideia de que esta “morreria”, iria embora, com o fim das Rodas, por causa de “seus demônios”. Mas principalmente, ficamos pensando no quanto, para

este adolescente, a continuidade de um espaço de escuta seria potencialmente significativo. Em seguida das frases que disse sobre o filme, Samir pede para ir ao pátio, pois vê a movimentação dos demais internos no corredor. Ao se despedir, pergunta: *“podes me dar um outro caderno, o meu já está com as folhas bem cheias, dona”*. Parece-nos que a escrita vai continuar, para além do embalo da Roda.

Ao chegarmos para realizar finalmente nosso último encontro, encontramos apenas Daniel. Samir, naquela semana, havia sido transferido de unidade, pois havia brigado com um agente, tinha lhe dito um “palavrão”, e como o fato já havia ocorrido semanas antes, acabaram por transferi-lo para outra casa. Como já mencionado, Ricardo também havia sido transferido para outra unidade, próxima a de Samir. Michel já não acompanhava a Roda há alguns encontros, desde a breve suspensão do projeto, assim como Paulo e Cristiano, que vieram apenas nas primeiras semanas. Antônio seguiu recusando-se a vir, permanecendo trancado no quarto. Tentamos contato novamente com ele através das grades que separavam a ala comum da área dos dormitórios, mas não obtivemos resposta. O que naquele momento foi possível transmitir, através de uma agente socioeducativa com quem ele tinha um bom vínculo, foi nossa despedida, e a ideia de que em breve, retornaríamos para uma visita, e que voltaríamos a procurá-lo para conversar.

Conversamos então com Daniel, e fomos retomando juntos algumas passagens de nossos encontros. O adolescente pareceu muito surpreso por nos recordarmos desses momentos: *“Mas como tu lembra de tudo isso? Faz tanto tempo!”*. Pensamos juntos em como seria o livreto, quais frases e trechos ele gostaria de colocar. Combinei com ele que, quando o livreto estivesse pronto, retornaríamos para entregar. Em ritmo de despedida, Daniel refere que vai escrever algo sobre a Roda:

Roda de Escrita:

No começo, achei muito bom o curso, porque nós falamos de nós e é bom nós lembrarmos do passado, por que é bom para a nossa vida e para o nosso presente. E daí foi passando o tempo mais rápido do que eu imaginava e

é bom por que nós contamos um pouco da nossa vida. Se desse para contar mais da nossa vida eu poderia contar, por que é muito grande. Mas foi bom ter essa professora, por que ela faz abrir a nossa mente, por isso que é bom mas as vezes não dá vontade de vir, por que dá uma preguiça, mas é bom vir porque nós conversamos muito e é isso! (Escritos do Daniel)

Tentamos contato para agendar um encontro com Samir e Ricardo, nas outras unidades, para podermos fazer também um encerramento. Com Samir, não foi possível, pois havia sido transferido para uma unidade considerada de maior periculosidade, e não autorizaram a entrada da pesquisadora. Foi possível encontrar Ricardo. Chegando ao encontro, percebo o adolescente muito sério, e ao mesmo tempo, contente em me receber: *“a dona veio até aqui mesmo me ver, nem acredito!”*. Conta sobre como tem sido esse tempo na outra unidade, e quer saber da Roda, dos outros guris, do livreto. Opina sobre este, sobre como acha que deve ser, quais escritos seus quer colocar, como deve ser a capa. Na saída, sublinha que não se deixe de colocar uma frase que fica no muro do pátio, e que, nas palavras dele, expressa *“uma grande verdade”*:

Paz, justiça, liberdade para todos os irmãos.
Cadeia não é lugar de recuperação (Escritos dos muros, escolhido por Ricardo)

3.3.8 Apagaram tudo, pintaram tudo de cinza: escrever para resistir.

Passados dois meses do término do projeto, conforme combinado com os adolescentes, retornei à instituição para entregar o livreto que fora confeccionado neste mesmo período. Entreguei cópias para serem enviadas a Samir e Ricardo, que ainda permaneciam em outras unidades. As notícias que recebi dos técnicos responsáveis pelas entregas é que o material foi bem recebido pelos adolescentes.

Ao chegar na ala, encontrei Daniel. O adolescente recebeu o livreto sorridente, e imediatamente passou a mostrar para quem estava por perto, orgulhoso: *“olha o livro que a gente escreveu!”*. Procurei por Antônio, mas novamente, não consegui contato com ele. Havia ido para uma audiência, não estava na casa. Nesta mesma visita, encontrei uma agente que nos acompanhou ao longo do projeto. Ao se aproximar, ela logo anuncia: *“pintaram, pintaram as paredes!”*. Em um primeiro momento, pareceu que ela se referia às paredes da ala, que ainda tinham o cheiro da tinta fresca. Em seguida, ela complementa a fala dizendo que *“pintaram as paredes dos bretes, apagaram os escritos”*. A agente conta então que o “judiciário” passou por lá, fazendo vistoria de rotina, e que ao ver os dormitórios, mandou *“acabar com aquilo”*. Ela refere ainda: *“esse pessoal estuda tanto, e nem se quer entende que aquilo é um jeito dos guris se expressarem, que é bom pra eles”*. Lembrei-me então da letra de Gentileza, cantada por Marisa Monte²¹, que diz:

Apagaram tudo
Pintaram tudo de cinza
A palavra no muro ficou coberta de tinta

Apagaram tudo
Pintaram tudo de cinza
Só ficou no muro tristeza e tinta fresca

Nós que passamos apressados
Pelas ruas da cidade
Merecemos ler as letras e as palavras de gentileza

Por isso eu pergunto a você no mundo
Se é mais inteligente o livro ou a sabedoria

O mundo é uma escola
A vida é um circo
Amor palavra que liberta
Já dizia um profeta. (Monte, 2000).

Com essa música na cabeça, deixei a instituição naquela manhã, que assim como as paredes, também estava cinza. “Palavra que liberta”, para além do que “já dizia o profeta”, é o que também propõe a Psicanálise. Resistindo ao apagamento, ao

²¹ "Gentileza"# (Monte, Marisa, ano), é uma canção escrita e composta pela cantora brasileira Marisa Monte, lançada como single do CD *Memórias, Crônicas e Declarações de Amor* (2000). A canção foi composta homenageando o Profeta Gentileza, personalidade urbana carioca, espécie de pregador, que se tornou conhecido por fazer inscrições peculiares sob viadutos cariocas. Com o decorrer dos anos, os murais escritos por Gentileza foram danificados por sofrerem vandalismo, sendo, mais tarde, cobertos com tinta de cor cinza pela prefeitura da cidade. Fonte: wikipedia.

apagamento da *vida loka*, que também é vida, *que tb ama*, os meninos escreveram, libertaram as palavras pelos muros, pelas paredes, pelos diários, pela Roda.

Abordamos aqui a resistência, o ato de resistir, na interface política e subjetiva, conforme a propõe Rosa (2016), como um “manter-se à distância, assumir atitude de reserva (*strauben*) ou, melhor dizendo, marcar uma dissimetria e contrariedade diante das faces obscenas do Outro que se apresenta, em sua violência e poder de opressão, consistente e totalitário” (p.81). Outro que apaga a palavra, a palavra escrita, não podendo reconhecer que ali pelas paredes se apresentam os efeitos das subjetividade e da *vida loka* dos adolescentes.

Cobertas “de tinta fresca e tristeza” ficaram as palavras quando os portões e cadeados por trás de mim se fecharam. Foi então que recordei que os muros e paredes, assim como as canetas, seguem lá. Na medida em que a *vida loka tb ama* (e resiste), cremos que a palavra da *vida loka* siga, pois, como disse uma vez Ricardo na Roda: “*a gente sabe que não pode, mas a gente escreve, sempre consegue uma caneta né, dona. O cara fica lá, sem nada pra fazer, muita coisa na cabeça, daí a gente escreve*”.

4 Vida nua, *vida loka*: por uma Psicanálise e uma vida (r)existente - e *que tb ama*.

4.1 *Homo sacer* e adolescência em conflito com a lei

Conforme os dados apresentados pela Fase-RS em 2017²², os atos infracionais como roubo e o homicídio são as razões pelas quais a maior parte dos adolescentes cumprem medidas socioeducativas, seguidos pela tentativa de homicídio e pelo tráfico de entorpecentes. Soares (2004) fala sobre uma “guerra fratricida e autofágica” (p.130) que ocorre nas regiões periféricas, onde os adolescentes, recrutados pelo tráfico, acabam por matarem-se uns aos outros, ou serem mortos pelas ações policiais e grupos de extermínio. Recolhemos os estilhaços desta guerra ao longo dos encontros na Roda.

Os dados, assim como os relatos dos adolescentes que participaram da Roda, reforçam aquilo que podemos ler ou assistir diariamente nos jornais e noticiários brasileiros: são mortes e mais mortes na guerra do tráfico tendo os jovens e adolescentes

²² Disponível em: http://www.fase.rs.gov.br/wp/dados_estatisticos/

como protagonistas e vítimas. Recordamo-nos, assim, de uma frase de Antônio que, ao lamentar as dificuldades e a violência que atravessa sua trajetória de vida, disse: “*mas essa é a vida que nós leva*”. Passamos a pensar nos desdobramentos de “*é a vida que nós leva*”. Podemos deslizar o sentido para “*é a vida que nos leva*”, e assim, somos levadas novamente a refletir acerca dessa vida que os leva, que encurta suas existências, que lhes coloca para matar ou morrer, como propõe Soares (2004). Que vida é essa? É a tal *vida loka*, que os coloca diariamente nas páginas policiais do jornal?

Desdobrando as perguntas e as enunciações dos jovens ao longo do Projeto, fomos ao encontro de Giorgio Agamben (2010) que, a partir de seus estudos, nos auxilia a pensar acerca destas vidas das margens, aqui apresentada através dos adolescentes autores de atos infracionais, oriundos, em suas maioria, das regiões periféricas de nosso país. Agamben (2010) evoca o conceito de vida nua para construir seu entendimento à respeito dos sujeitos que vivem às margens da sociedade, incluídos pela via da exclusão. Para melhor realizar o enlace entre alguns de seus conceitos e as questões que aqui pretendemos discorrer, é necessário primeiramente traçarmos a distinção entre os conceitos de *zoé* e *bios*, que o autor retoma de Aristóteles e de Hannah Arendt, sendo ambos os termos utilizados pelos gregos para designar a vida.

Para Rosa, Vicentin e Catroli (2009), o termo *Zoé* diz respeito a vida compartilhada com outros seres vivos, uma vida nua e natural, enquanto o termo *bios*, poderia indicar a vida civilizada, ou seja, a vida do homem propriamente dito, para a qual a política do bem viver poderia ser considerada. Segundo Viñar (2009), a vida nua, termo que Agamben toma de Walter Benjamin, equivaleria à vida do sujeito pertencente a um mundo de pura necessidade, sem lugar para ilusão, fantasia, planos de vida e construções. Agamben (2010) enfatiza uma preponderância da vida nua e afirma que os regimes de governo contemporâneos tem exercido esta forma de poder, por vezes, travestido de defesa da vida, mas que na realidade, a reduz à sua modalidade biológica, ou seja, à mera sobrevivência.

O que Agamben (2010) propõe é a colocação da *zoé*, a vida nua, como centro das estratégias político ocidentais, que cerceiam a concepção atual de exercício do poder, retomando deste modo a biopolítica proposta por Foucault (1976/2005) em “A Vontade de saber”. Conforme Gurski (2018, no prelo), Foucault (1976/2005), por sua vez, já

apontava para tal transformação radical, na qual a vida passaria a ser pensada como esvaziada de conteúdos culturais, passível, deste modo, de racionalização. Neste sentido, a autora refere que, ao relacionar a biopolítica de Foucault (1976/2005) com o conceito de *animal laborans* de Hannah Arendt (1953), Agamben (2010) propõe uma nova articulação conceitual, passando a apresentar a vida nua e o *homo sacer* como frutos da biopolítica moderna.

Em “*Homo sacer: O poder soberano e a vida nua I*” (2010), Agamben (2010) busca no direito romano antigo a figura do *homo sacer*, evidenciando o ponto entre a biopolítica e o poder soberano exercido pelo campo jurídico, que acaba colocando alguns indivíduos sob a perspectiva da vida nua. O *homo sacer* seria a representação desta vida nua, tornando-se, deste modo, matável por ordem do poder soberano juridicamente construído, poder este que torna o sujeito excluído e exterminável, incluído sob esta perspectiva no laço social (Martins, 2014).

Em “O que resta de Auschwitz”, Agamben (2008) aponta os campos de concentração nazista como o maior exemplo de um dispositivo de estado de exceção, funcionando como um paradigma da transição da política para a biopolítica. Deste modo, o Estado moderno exerceria o controle dos corpos através de outros dispositivos, que não a soberania. Para o autor, depois dos campos de concentração, estabeleceu-se uma certa generalização dos dispositivos de exceção:

Mas o que caracteriza propriamente a exceção é que aquilo que é excluído não está, por causa disto, absolutamente fora da relação com a norma; ao contrário, esta se mantém em relação com aquela na forma de suspensão. A norma se aplica à exceção desaplicando-se. Retirando-se desta. O estado de exceção não é, portanto, o caos que precede a ordem, mas a situação que resulta da sua suspensão (Agamben, 2008, p.25)

A partir destes pressupostos, Agamben (2010) aponta que cada sociedade define quais vidas são ou não são dignas de serem vividas, quais serão os seres que ocuparão o lugar de exclusão, de *homo sacer*. Ou seja: cada sociedade define quem serão aqueles que serão abandonados à própria sorte, que podem ser apagados aos olhos os outros, incluídos então pela via da exclusão, da exceção, e portanto, invisíveis.

Segundo Rosa (2016), o discurso social e político vigente é carregado de interesses que visam capturar os sujeitos, seja em sua constituição ou em sua destituição

subjetiva. Ao provocar um equívoco no qual o discurso social se apresenta em equivalência à dimensão simbólica que referencia a pertença do sujeito, a maquinaria do poder enreda os sujeitos, alienando-os às artimanhas do poder vigente. A autora acredita que estamos todos inseridos nesta problemática, porém, é sobre um determinado recorte da população que esta trama se apresenta de modo mais mortífero, expressa através da desigualdade social, econômica, cultural e racial.

Já Endo (2005) refere que a distribuição desigual dos bens e recursos, assim como uma certa naturalização da desigualdade, cria versões de violência invisíveis, violência esta sofrida tanto pelos que cometem atos violentos, quanto pelos que sofrem seus efeitos. Para o autor, a desigualdade incita a violência, pois a partir dela, novas desigualdades e diferenças são criadas, constituindo-se assim estratégias de assimetria e segregação, ingressando em uma lógica que destrói o semelhante, incita o consumo e divide os espaços compartilhados.

Sabemos, desde o “Mal-estar na civilização” (1930/2006), que aos sujeitos impõem-se a renúncia e a transformação das pulsões agressivas, em nome da civilização e da manutenção e do convívio social. Conforme Freud (1930/2006), trata-se de uma tarefa difícil, que nos deixa de herança o mal-estar que o autor refere no título de sua obra: desejávamos tudo poder, exercer nossos instintos agressivos e sexuais à nossa maneira. Para o bem comum, não o fazemos e guardamos conosco os resquícios destas dolorosas abdições. Ao defrontarmos com os adolescentes que cometem delitos, que matam, roubam, nos encontramos, também, com nossas heranças pré-civilizatórias, e nos vemos ameaçados por nossos desejos renunciados. Deste modo, o movimento que parece operar é mantermo-nos distantes deste encontro, excluindo estes jovens, atribuindo-lhes um lugar de resto.

Entendemos que tais assertivas freudianas, somadas as interpretações de Agamben (2010) sobre a sociedade contemporânea, nos levam a considerar os jovens autores de atos infracionais, que temos nos ocupado neste trabalho, como expressões da figura do *homo sacer*, pois estes jovens, conforme Gurski (no prelo) “parecem-nos sujeitos que habitam uma zona de indistinção entre a vida e a morte em seu dia-a-dia, como se tivessem a dimensão da descartabilidade de suas existências” (Gurski, no prelo, para.44.). Isto nos leva a algumas falas que surgiram nas Rodas, como a de Samir, que, ao

relatar alívio por um de seus irmãos ter deixado a vida do crime, diz: “*daí não preciso ter medo que ele morra*”. Ao ser em seguida questionado se não temia também pela preservação da sua própria vida, respondeu: “*não, a minha não importa*”. Também nos remetemos às falas de Antônio e Michel:

Antônio pergunta o que os meus amigos pensam de eu estar ali (na Fase-RS). Peço que me fale mais disso, e ele, com ajuda do Michel, diz: “*ah, as pessoas acham que somos vagabundos, que não valemos nada. Na Tv sempre falam mal de nós, acham que não prestamos. Teus amigos devem achar isso também, devem achar que é perigoso tu vir, não devem gostar, né? uma vez teve um professor que vinha aqui fazer oficina com a gente, e ele disse que os amigos achavam ruim ele vir*”. (Fragmento dos Diários de Experiência da pesquisadora)

Podemos perceber nestas falas dos adolescentes a expressão de um certo lugar de resto, parecendo deixar muito clara a distinção entre “eles”, nas margens, e “nós”, que na TV “sempre falam mal”.

Viñar (2009) nos convida a refletir sobre as mudanças que têm ocorrido no campo social e nas subjetividades nas últimas décadas, o que considera um desafio que incita a Psicanálise a abrir novas reflexões, especialmente no que concerne aos modos como a juventude tem expressado seus sofrimentos. O autor cita o neoliberalismo e seus impactos na disseminação da pobreza e da exclusão e considera fundamental ao psicanalista refletir e decifrar os impactos subjetivos de tal modelo econômico. Ainda para o autor, nas situações extremas de exclusão, como são as experimentadas por grande parte dos adolescentes que cometem atos infracionais, tanto as regras quanto os mecanismos psíquicos podem operar de um modo e com uma lógica distinta dos parâmetros habituais daqueles sujeitos submetidos à ordem simbólica compartilhada.

Rosa (2016) utiliza a expressão “vidas secas” para se referir aos modos de subjetividade frutos da pobreza extrema e da exclusão social derivada do modelo econômico neoliberal. A autora descreve principalmente os jovens oriundos das periferias, constatando: “... apatia, solidão e o emudecimento, assim como a reprodução, na subjetividade, da violência e da pobreza afetiva e intelectual, como encobridora da possibilidade de elaboração simbólica que poderia dar forma sintomática ao que é vivido como traumático” (p.43). Para Rosa (2016), ao encontrarem-se com a impotência perante o laço social, que insiste em barrar e impedir o acesso à lógica fálica e ao desejo, os

sujeitos emudecem, construindo assim uma espécie de apatia necessária à sobrevivência, que para alguns jovens, é rompida pelos atos violentos.

Ainda neste diapasão, questionamos: como se articulam estas vidas que supomos nuas com a chegada da puberdade? Como se passa a adolescência nestes contextos constantemente violentados em seus direitos, nos quais o desejo, conforme propõe Rosa (2016), precisa emudecer para sobreviver?

4.2 Adolescência e *vida loka*

A juventude e sua problemática têm ocupado um espaço importante na atualidade. Neste sentido, a afirmação de Eric Hobsbawm (1995), de que o século XX foi o século da adolescência, permanece vigente no século XXI. Na sociedade contemporânea, são frequentes as discussões e debates acerca do sofrimento e mal-estar que acompanha a passagem da adolescência, bem como a preocupação sobre a forma como os jovens têm inscrito suas marcas e transitado por esta fase da vida (Heissler & Gurski, 2015).

Com as transformações sociais e familiares, a partir do século XVIII, quando os casamentos passaram a se dar por laços afetivos e não mais por conveniência e com a ascensão da instituição escolar, presentificou-se a diminuição dos poderes do Estado e da família, havendo assim uma mudança importante nos modos de relação entre pais e filhos. Neste diapasão, foram surgindo os afrouxamentos dos tradicionais ritos de passagem da infância para a vida adulta, que ocorriam entre as famílias e a comunidade. Deste modo, passou a caber somente aos jovens sujeitos a difícil tarefa de encontrarem novos modos de se fazer representar no social, distintos da infância conhecida (Kehl, 2004; Gurski, 2012).

O filósofo alemão Walter Benjamin (1936/2012) também nos ajuda a compreender as mudanças ocorridas nas relações sociais na atualidade. Para ele, a chegada da modernidade, e conseqüentemente a pressa por ela instituída, contribuíram para o declínio da arte de contar histórias, bem como da transmissão da tradição. A narrativa reconhecia a palavra do pai, não se tratando apenas de uma comunicação de conteúdos ou histórias, e, sim, de uma demarcação de lugares. Deste modo, podemos entender que não se trata de um sentimento nostálgico à respeito da transmissão de pai

para filho, mas sim de uma percepção do autor de que ao narrar uma história, ao compartilhar uma experiência, transmitia-se também um fio com qual o jovem poderia costurar suas origens com sua percepção de si, através de uma rede simbólica.

Conforme Benjamin (1936/2012), através do declínio da narrativa, dá-se um empobrecimento da experiência compartilhada, redundando em um excesso de vivências. Para o autor, o terreno da vivência remete à experiência interior, empobrecida de laços coletivos, onde se valoriza o vivido individualmente em detrimento do coletivo, lançando deste modo as novas gerações em um espaço com poucas raízes.

Freud (1905/2006) faz referência ao que hoje denominamos adolescência ao escrever “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. O autor destinou um dos capítulos desta obra à puberdade, no qual, além de descrever o funcionamento do aparelho sexual, afirma que é na puberdade que o sujeito precisa encontrar um certo posicionamento em relação à sexualidade.

O pai da Psicanálise refere ainda que a puberdade é tempo de reedição de conflitivas ligadas ao infantil, bem como de unificação das pulsões, rumo à definição da conduta sexual adulta. No entanto, reconhece ser este também um tempo de possíveis rearranjos e reordenações do pulsional. Neste mesmo ensaio, Freud (1905/2006) nos apresenta um ponto bastante esclarecedor sobre a adolescência, ao referir que com a chegada da puberdade:

consuma-se uma das realizações psíquicas mais significativas, porém também mais dolorosas, do período da puberdade: o desligamento da autoridade dos pais, unicamente através do qual se cria a oposição, tão importante para o progresso da cultura, entre a nova e a velha geração. (Freud, 1905/2006, p. 214)

Anos mais tarde, em “Moisés e o Monoteísmo”, Freud (1939/2006) vai afirmar que há um momento crucial na puberdade, capaz de levar à constituição de uma neurose, que se trata do encontro entre as exigências do mundo externo e as demandas do mundo interno do sujeito. Deste modo, o adolescente teria então a tarefa de lidar com as próprias questões, como a erupção da sexualidade, e também com aquelas oriundas do laço social, equação complexa que exige intenso trabalho psíquico.

Conforme Gutierrez (2014), um dos poucos momentos em que Lacan discorre sobre o processo pubertário é no prefácio, redigido em 1974, para a apresentação em

Londres da peça de Frank Wedekind²³ intitulada “O despertar da primavera”(1890/1891). Neste texto, Lacan evoca a adolescência como o período no qual o jovem é convocado a responder ao encontro com a dimensão da sexualidade, tratando-se também de um tempo de auto-reconhecimento e de busca pelo Outro sexo.

O que vai se delineando, a partir de Freud e Lacan, é a noção de que a adolescência é um tempo de mudanças complexas para aqueles que até então estavam cercados e enredados pelo romance familiar infantil. Gurski (2012), baseando-se em Rassial (2005), refere que a saída da latência e a eclosão da puberdade podem ser produtoras de uma certa “pane adolescente” (p.68), passando o sujeito, com o fim do idílio infantil, a se perguntar sobre como lidar com a quantidade de mudanças e exigências com as quais é confrontado. É neste momento que o adolescente precisará delinear outros modos de se fazer representar no laço social. Conforme a autora, se há um borramento das figuras parentais, entrelaçado com a ausência de redes de suporte na cultura, os caminhos possíveis de representação do sujeito no laço social acabam por se estreitar.

A partir das proposições apresentadas e considerando os jovens a que nos referimos estamos diante de um impasse: se as redes que sustentam estes jovens, se seus “romances familiares” são mais próximos de tramas de terror, como pudemos escutar nos relatos dos guris nos encontros da Roda, como é que se articulam as condições simbólicas necessárias para que eles possam se inserir no laço social, movimento necessário para a adolescência? Como se daria o desligamento das figuras de autoridade, e a busca por um novo posicionamento frente ao Outro?

Para Agamben (2010), se a lógica vigente na contemporaneidade é a de exceção, ou seja, se o laço social, de algum modo, responsável pelas ofertas de modos de inscrição aos adolescentes falha, barra e excluí, e mais, se o laço social, o Estado promovem a figura do *homo sacer* - que aqui traduzimos como os jovens de contextos sociais marginais- quais saídas se apresentam a estes jovens? De que modo criam suas formas de fazer, de se inscrever e de sobreviver? Será que nessas brechas é que surge a dimensão da *vida loka*?

²³ Benjamin Franklin Wedekind (1864-1918) foi um ator, dramaturgo e romancista alemão.

4.3 *Vida loka tb ama*

Kehl (2004), em seu artigo “A Juventude como sintoma da cultura”, apresenta a noção de que há uma dificuldade presente no adulto de nosso tempo em ocupar o lugar de representante da lei ante as novas gerações. Para a psicanalista, as consequências e efeitos em uma sociedade onde esse lugar de adulto fica vago parece ser o aumento do estado de desamparo, que pode ter como efeito a delinquência. Entendemos que para este lugar vago, o substituto mais presente em contextos de periferia seria a figura do chefe do tráfico.

Neste sentido, para Guerra et al. (2014), diante da chegada da puberdade e do encontro com o real, emerge no adolescente uma necessidade de encontrar um “saber total”, tal qual os pais da infância possuíam. Daí deriva a noção de que a vida do crime poderia ser pensada no lugar deste Outro total, sem falta.

Partindo de trabalho anterior, Guerra et al. (2014) referem que “O Outro do crime é promessa de resposta ao furo da estrutura, pois oferece um sistema normativo e regulador, ainda que não dialetizável, que funciona como contorno ao real pulsional em jogo na puberdade” (p.174). Neste sentido, parece que podemos ver surgir a figura do traficante, do chefe do tráfico, do patrão. Conforme propõe Guerra et al. (2014), para os adolescentes da periferia, a figura do Outro é encarnada pelos padrões do tráfico, pelos chefes da criminalidade, sendo as normas do crime, muitas vezes, os “vetores de orientação para o gozo” (p.173) desses jovens. Neste sentido, temos a fala de um adolescente Cícero, 13 anos, que conhecemos durante nossas visitas à instituição: “*O patrão cuidava de mim. Dizia pra eu fazer academia, pra ficar forte, porque pra estar na rua, tem que ser forte. Ele pagava até academia pra mim*”.

Rassial (2005) traz uma definição interessante sobre o ato infracional ao dizer que se trata, antes de tudo, de um esforço a fim de inventar um outro lugar, espaço de “outras regras de deslocamento do sujeito e dos objetos” (p.61), um espaço outro, distinto do cotidiano onde o adolescente não possui um lugar simbolizado. Em direção semelhante, Gurski (2012) refere que, por se tratar de um período de transição entre a infância e a vida adulta, a adolescência tem como característica uma “fome de significação” (p.30). A

autora refere que: “Tais condições podem produzir um drama psicológico gerador de uma angústia tal que, não raras vezes, deságua em desastrosas ações no cenário público, cuja finalidade parece ser capitanear, pela via do ato, alguma legitimidade e visibilidade ao sujeito” (Gurski, 2012, p.30).

Deste modo, trazendo estes conceitos para a realidade dos adolescentes que convivemos na Roda, nos perguntamos: será que poderíamos tomar que o ato infracional, que compõe a *vida loka*, como uma saída, uma espécie de rota de fuga para dissolver o apagamento, a invisibilidade do lugar de *vida nua, homo sacer*, que convoca o laço social?

Para estes meninos, as condições postas pelo neoliberalismo e suas formas de biopoder, parecem conduzi-los às “vidas secas” (Rosa, 2016, p.43), às *vidas nuas*, ou à *vida loka*. O mundo do crime, poderia então ser, ao mesmo tempo, paradoxalmente, uma saída e uma condenação. Parece que a partir da medida que recebe, o jovem passa a ser, saindo assim do apagamento para os noticiários policiais. Ao ser preso, o adolescente de algum modo recebe uma inscrição no Outro, porém, pela via da exclusão. Através da *vida loka*, os jovens reagem às vidas secas, quase como em um “nós contra eles”, “favela X asfalto”, sucumbindo ao imperativo neoliberal do “ter para ser”. Para ser alguém acabam, muitas vezes, deixando de ser, sendo mortos, ou matando, como vimos nos relatos dos meninos participantes da Roda.

Nesta equação complexa, Moreira, Kyrillos Neto, Rosário, Souza e Drawin (2015) referem que os jovens autores de atos infracionais, de algum modo, tentam romper com a lógica social, ao subverterem, pela via do crime as leis e códigos de conduta sociais. Mas, o que de fato se passa, é uma perpetuação da lógica social, na medida em que, ao cometerem delitos, os adolescentes se oferecem em sacrifício, sendo presos ou executados, garantindo, desse modo, a manutenção da engrenagem social. Há ainda, para os autores, uma busca por reconhecimento a partir da obtenção de objetos de consumo, tratando-se de uma “ilusão ideológica de inclusão”, proposta pela lógica capitalista.

Na música que leva o título de “Vida Loka II²⁴”, que os adolescentes participantes da Roda curtiam muito, composta pelos Racionais Mc’s²⁵, escutamos nuances do que propõe os autores:

Logo mais vamo arrebentar no mundão
 De cordão de elite, 18 quilates
 Poê no pulso, logo um Breitling
 Que tal? Tá bom?
 ...
 Miséria traz tristeza e vice-versa
 Inconscientemente vem na minha mente inteira
 Na loja de tênis o olhar do parceiro feliz
 De poder comprar o azul, o vermelho
 O balcão, o espelho
 O estoque, a modelo, não importa
 Dinheiro é puta e abre as portas
 Dos castelos de areia que quiser
 Preto e dinheiro, são palavras rivais
 E então mostra pra esses cu
 Como é que faz ... (Racionais MC’s, 2002)

Com a companhia dos autores citados e com a sabedoria que vem das ruas pelas voz dos MC’s, em meio aos diários, muros e paredes do contexto socioeducativo, conhecemos nuances da *vida loka*, da vida nua e das “vidas secas” e nos perguntamos acerca dos laços que são possíveis de serem promovidos para essa juventude. Dito de outro modo, quais laços os jovens conseguem criar ou já tem criado, para que não aniquilem a si mesmos e aos outros, para que surjam brechas onde possam brotar novos modos de enlace com o Outro, levando assim ao reconhecimento do sujeito e sua alteridade, já que:

Que cê quer?
 Viver pouco como um rei ou muito, como um Zé?
 Às vezes eu acho que todo preto como eu
 Só quer um terreno no mato, só seu
 Sem luxo, descalço, nadar num riacho
 Sem fome, pegando as frutas no cacho
 Aí truta, é o que eu acho
 Quero também, mas em São Paulo
 Deus é uma nota de R\$100
 Vida Loka!... (Racionais MC’s, 2002)

²⁴ Vida Loka II é uma canção do grupo brasileiro Racionais MC's, lançada no álbum Nada como um Dia após o Outro Dia, no ano de 2002, pela Zimbabwe records.

²⁵ Um dos principais grupos de Rap do país formado pelos Mc’s Mano Brown, Edi Rock e Ice Blue e o DJ KL Jay.

Resistindo ao apagamento e à aridez através da *vida loka*, a voz das ruas nos desafia a propormos outras saídas que não esbarrem na lógica da exceção, como o faz o ato infracional, a sermos criativos, como são esses jovens, afinal, eles tem criado, composto, escrito a *vida loka*, que não é composta só de batida policial, pesadelos ou escrita em sentenças de morte: a batida é também de Rap., a escrita revela também seus sonhos pelos muros e paredes. Conforme nos mostram os Racionais MC's, como disse Antônio - adolescente participante da Roda - e como temos percebido ao longo deste trabalho: “*vida loka tb ama*”.

4.4 Psicanálise por entre os muros

A Psicanálise revolucionou o mundo ocidental a partir da escuta e do olhar para o desconhecido do sujeito, através da descoberta do inconsciente, assim como da sexualidade infantil e da transferência. Ainda que nascida a partir da prática clínica de Sigmund Freud, e em um dado contexto histórico e social da Viena do final de século XIX, não se pode dizer que a Psicanálise seja pertencente a uma única classe social ou que somente possa ser feita no clássico consultório analítico (Broide, 2010).

Freud, ao longo de sua obra, reservou alguns trechos e capítulos para discorrer a respeito do acesso da psicanálise em situações diversas do consultório particular, como quando, em 1919 [1918], propôs que, no futuro, fossem criadas instituições que pudessem atender camadas sociais mais amplas, afirmando que “qualquer que seja a forma que essa psicoterapia para o povo possa assumir, quaisquer que sejam os elementos dos quais se componha, os seus ingredientes mais efetivos e mais importantes continuarão a ser, certamente, aqueles tomados à psicanálise estrita e não tendenciosa” (Freud, 1919-18/2006, p.181).

Freud (1906/2006) também ocupou-se em pensar sobre a interface entre a Psicanálise e o Direito, problematizando as questões criminais e convidando a uma reflexão acerca dos sujeitos que cometeram crimes e sua relação com a verdade, com a culpa, entre outras discussões. Temos ainda outro momento em que Freud, em 1925, ao escrever o prefácio do livro de August Aichhorn (1925/2006), intitulado “Juventude

desamparada”, explora as contribuições da Psicanálise ao poder tratamento de jovens considerados delinquentes à época, internados em instituições de educação

O próprio Aichhorn, psicanalista vienense que trabalhou amplamente com jovens autores de atos infracionais, propunha, por exemplo, que todos os educadores que trabalham nas instituições, que hoje chamamos socioeducativas, deveriam passar por um processo analítico para melhor trabalhar com os adolescentes. Aichhorn (1925/2006) propôs também modos de tratar os jovens em conflito com a lei, sendo um dos principais precursores a pensar a Psicanálise fora da clínica tradicional, como nas instituições educativas (Gurski, Gomes & Moraes, 2018, no prelo).

Como podemos ver, a Psicanálise se ocupa, desde sua criação, com as questões oriundas do laço social. Porém, segundo Viñar (2009), esta interface com o campo social sempre interrogou os psicanalistas de modo contraditório, construindo uma dicotomia em que, por um lado, há aqueles que se preocupam em realizar uma articulação entre a clínica e o social, e por outro, aqueles que consideram a interface com o social uma ameaça a especificidade do método psicanalítico.

Kehl (2016), no prefácio ao livro “A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento”, de Rosa (2016), questiona: “O que pode o instrumental psicanalítico, criado para investigar a razão inconsciente do sofrimento individual, diante do desafio de uma clínica do social?” (p.7). Buscando responder ao questionamento, a psicanalista refere que Lacan, na esteira do legado freudiano, coloca novamente em cena o sujeito da Psicanálise e sua relação com o laço social. Kehl (2016) sugere que Lacan, a partir da enigmática frase “O inconsciente é a política”, parece transmitir a noção que:

o inconsciente é a política, porque guarda (também) os restos não escritos-não elaborados dos traumas históricos. Ou: inconsciente capta e guarda o não dito e o interdito, tanto na esfera familiar quanto na esfera pública. O recalcado se transmite e produz efeitos que só depois serão nomeados e inscritos na cultura que os produziu. As próprias transformações, progressistas ou regressivas, que afetam permanentemente as formas da cultura, ocorrem como que à revelia dos sujeitos - que delas participam sem saber o que fazem. (Kehl, 2016, p.8)

Neste sentido, entendemos que o psicanalista precisa estar atendo aos movimentos da cultura, ao que ela transmite, bem como aos efeitos que destes movimentos respingam naqueles que ficam às margens do laço social. Viñar (2009) refere que é justamente diante das situações de vida nua, onde as ações e planos de reparação social não se

presentificaram, onde as condições imprescindíveis de humanização não estão dadas, onde falham e se ausentam os direitos aos cidadãos, é justamente onde se apresentam estas “heridas del psiquismo”²⁶ (p.106) que os psicanalistas têm uma tarefa específica a cumprir. Deste modo, temos pensando em quais as formas possíveis de trabalhar com a Psicanálise frente à essas feridas, frente às parcas redes e onde a cidadania não se presentifica enquanto direito.

Para Broide e Broide (2016), o material inconsciente que se apresenta no atendimento individual, na clínica particular, não é propriamente o mesmo que surge nos trabalhos com grupos em situações sociais críticas, em instituições públicas ou na própria rua. Mas o que se pode afirmar é que, independente da situação, as produções do inconsciente emergem, apresentando-se à escuta a partir da transferência. Os autores afirmam também que a Psicanálise trabalha a partir da criação de um espaço vazio que se abre ao sujeito do inconsciente, espaço este que leva à uma certa injunção ética, onde o sujeito pode, ou não, comprometer-se com seu desejo, sendo este trabalho possível de ser realizado tanto em um consultório, quanto através de dispositivos condizentes com as mais variadas situações sociais. O que se mantém presente em qualquer um dos formatos é a busca pelo espaço vazio que se abre ao sujeito de desejo, através da transferência e do inconsciente.

4.5 Sobre transmissão, narrativa e resistência

Como pensar em caminhos que façam laço e produzam enlaces dos jovens no social? Segundo Gurski e Pereira (2016), Walter Benjamin foi um importante crítico acerca das condições da Modernidade, sempre atento às dobras de seu tempo e aos novos modos de subjetivação. No transcorrer da década de 30, Benjamin (1936/2012) passou a problematizar os conceitos de memória, tradição, narrativa e transmissão, propondo então que as novas condições de vida das grandes cidades, movidas pelo ritmo industrial, traziam modificações nos modos de relação dos sujeitos com o tempo e com o espaço, produzindo assim, como já citado em capítulo anterior, o declínio da experiência compartilhada.

²⁶ Em tradução livre para a língua portuguesa: “Feridas do psiquismo”.

Para Benjamin (1936/2012), os traumas de guerra e as violências vividas e sofridas, produziam gerações emudecidas, caladas frente ao desamparo, sem palavras para narrar os horrores e barbáries vividos nos campos de batalha. Segundo Gurski e Pereira (2016), Benjamin (1936/2012) apontava para “uma experiência capaz de evocar um certo intervalo, como um espaço de elaboração para as vivências, em meio a um laço impregnado pelo capitalismo...” (p.433). Para ele, a nova barbárie era, justamente, o retraimento da transmissão da experiência, a impossibilidade de criar, construir e transmitir a memória capaz de produzir a experiência com o semelhante, enlaçando assim passado, presente e futuro.

Tais concepções propostas por Benjamin (1936/2012), especialmente em seu texto “O narrador”, articulam-se com o discurso psicanalítico, na medida em que em seus fundamentos, encontra-se a subversão do sujeito da razão (Gurski & Pereira, 2016, p.433). Se a Psicanálise ocupa-se em encontrar sentidos nos sintomas que carregam os sujeitos, conduzindo assim ao inconsciente, a leitura de Benjamin também ‘busca o sujeito da experiência, aquele que se deixa levar pelo tempo orgânico e não pelo tempo da máquina. Aquele que, como o flâneur de Baudelaire, deixava que as marcas de seu desejo pontuassem o trajeto por onde passava” (Gurski & Pereira, 2016, p.433).

Para Viñar (2009), as definições de Walter Benjamin a respeito do retorno dos soldados das trincheiras, sobre os silêncios ante o trauma vivido, que não possibilitavam a fala e a compreensão da experiência, mas sim, o esvaziamento e o silêncio, são cruciais para abordarmos, enquanto psicanalistas, os temas da exclusão e das vidas das margens. Segundo o autor, os espaços produtores de narração, ou seja, a produção de tramas para compartilhar e trocar experiências vividas constituem um nutriente essencial da condição humana, e ao contrário, a falta destes espaços, configuram-se como promotores de padecimento e empobrecimento psíquico.

Temos pensado, conforme refere Viñar (2009) que o sentimento de ter um horizonte, um futuro, um nome, um projeto, de ter um lugar no mundo, define uma distância significativa entre viver e sobreviver, entre a *vida nua*, *zoé*, e a vida cidadã. Deste modo, nos parece pertinente pensarmos que à Psicanálise, enquanto ética, cabe ocupar-se da problematização, da abertura e do reconhecimento dos espaços nos quais os sujeitos possam produzir, criar, ter reconhecidas suas singularidades.

Segundo Vinãr (2009), abrir espaços de fala em instituições e territórios onde as vidas são vividas como nuas, onde a mera vida predomina e nas quais a violência contra si próprios e contra os semelhantes é parte do dia-a-dia, engata-se com a ideologia freudiana da cura: é a partir das recordações e das narrativas das trajetórias, que podemos atribuir significados, que construímos experiências e sentidos, e, assim, nos afirmamos enquanto sujeitos. Gurski (no prelo) nos fala sobre a criação de dispositivos e espaços de fala para re-significar o real, que possam assim viabilizar outras significações, distintas do sacrifício do próprio corpo diante da impossibilidade do reconhecimento do Outro (para.57).

Neste sentido, os laços que unem a filosofia de Walter Benjamin acerca do tema da experiência e a Psicanálise, como a importância dos espaços de transmissão e testemunho do vivido, nos fazem pensar nos modos de fazer acontecer a experiência, pois, conforme Rosa (2016) “a experiência compartilhada é um dos instrumentos de resistência às estratégias do poder... Esse tipo de experiência tem poder, poder de denunciar e mesmo de contornar as identificações imaginárias presentes nas diversas formas de manifestação de ódio ao outro” (Rosa, 2016, p.143).

4.6 Entre a juventude que cria, a experiência e a ética psicanalítica

Em seu livro “A psicanálise em situações sociais críticas”, Broide e Broide (2016), ao relatar uma experiência com um grupo de jovens na periferia de São Paulo, contribui para as reflexões acerca do trabalho com adolescentes em conflito com a lei, na medida em que estes adolescentes são, em sua maioria, oriundos de territórios periféricos. Os psicanalistas afirmam a importância da criação de espaços de fala e de elaboração psíquica para que se escutem as experiências relacionadas ao crime, à morte e à violência, pois, assim, torna-se possível “passar do circuito cristalizado e fixado da identificação imaginária e doentia do inexorável destino à reinvenção do presente” (p.20).

Sobre a experiência com grupos de jovens realizadas em comunidades violentas de Belo Horizonte, Guerra (2008) refere que o fundamento essencial para estas práticas é, independente do meio cultural escolhido para se trabalhar, produzir novas configurações na realidade dos participantes, a partir de novas produções da linguagem.

Guerra (2017) fala em “diversidade de gozos” (p.112) ao propor um outro olhar acerca da inclusão-exclusão dos jovens da periferia. Para a autora, é preciso transpor a normatividade de gozos e passar a pensar em como se configuram as novas formas de vida em espaços nomeados como vulneráveis ou excluídos, nas solidariedades ali constituídas, nos modos criativos que se armam nestes espaços.

Guerra (2017) sugere que se operem novas composições entre as formas de gozo das diferentes posições dos sujeitos. Propõe novos usos do sintoma para o sujeito, distantes da ordem do desejável e comum. A autora também propõe que possamos formular novas perguntas. Para a autora, seguir repetindo as mesmas questões, talvez seja um modo de contribuir para a manutenção da segregação, justamente onde pulsa o novo, onde pulsam outros códigos, já que “sobre o que anda mal e não funciona já sabemos o que dizer. Porém, ainda não aprendemos a ler o que de novo tem se produzido” (p.121).

A autora refere ainda que é preciso que o outro social possa se interrogar sobre as perguntas e as respostas que têm formulado e gerado no confronto à juventude e afirma ainda que “o analista aloja um outro saber, num outro lugar, mas que deve levar em conta o saber no real” (Guerra, 2017, p.121). Neste sentido, a autora afirma que:

não é preciso um Outro do saber, mas antes um Outro que consista e diga sim, para suportar que o nome do pior possa ser reinventado e reocupado pelo corpo do jovem, que encontra escrita no lastro da língua comum, tratada então, pelo sujeito e pelo outro no pacto civilizatório. Não se inclui um registro que nunca foi escrito. É preciso que ele se escreva, para, então, poder ser rerepresentado de outra maneira (Guerra, 2017, p.121).

Rosa (2016) refere que diante do modelo neoliberal, produtor de emudecimento, pode-se observar um certo corte de qualquer acesso à lógica fálica ou desejante. Justamente esse silêncio funcionaria como um tempo de suspensão, que pode durar a vida toda, “um modo de resguardo do sujeito ante a posição de resto na estrutura social. Uma proteção necessária para a sobrevivência psíquica, uma espera, uma esperança”(p.43). A autora refere que tal percepção vem justamente da “facilidade com que, muitas vezes, algumas situações de escuta fazem surgir ali o sujeito desejante, vivo, onde parecia haver apenas vida secas” (p.43).

Neste sentido, entendemos que, mesmo diante de situações de desamparo e abandono, muito presentes nos relatos dos jovens participantes da Roda, e que supomos ocorrerem aos muitos outros adolescentes que se encontram ou que passaram pela

instituição, nos parece que os espaços criativos, que as alternativas ao emudecimento, já vinham sendo criadas. Os muros, por exemplo, vem sendo escritos há anos, e seus saberes transmitidos ao longo das muitas décadas que contam aquelas paredes, como uma cadeia de transmissão e experiência compartilhada, resistindo ao tempo, escrevendo e insistindo em comunicar.

Entendemos, desde de Lacan (1954-55/1985), que o sujeito se constitui a partir do discurso do Outro. É também, a partir destas roupagens e rótulos ofertados pelo Outro que o sujeito encontra seus modos de se reconhecer e de se apresentar ante o laço social: bandidos delinquentes, traficantes, vagabundos, foram expressões que circularam muito na Roda e na instituição. Como se fossem marcas carimbadas, os adolescentes circulavam munidos destas expressões, portando e também sendo “lidos” por discursos cristalizados, da vida do crime, sem futuro, “com sangue nos olhos”, como referiu uma agente ao referir-se à um adolescente. Entendemos que o psicanalista poderia ocupar este lugar do Outro, Outro este que valida e, pela via da transferência, escuta e sustenta que emerja ali a singularidade do sujeito, o desejo, assim como a abertura de outras posições, outras marcas e outros nomes.

Conforme Rosa (2016), esta possibilidade da escuta se faz possível na medida que podemos escutar o sujeito frente a sua dimensão traumática, ante o desamparo e o lugar de resto e vida nua que ocupa na sociedade. Escuta esta que precisa resgatar a memória e o testemunho de cada sujeito, bem como a experiência compartilhada com o outro. Neste sentido, a autora lembra das dificuldades dos psicanalistas em justamente poder escutar os relatos de crimes e violências, praticados ou sofridos pelos adolescentes em medidas socioeducativas, nos convidando a pensar sobre a resistência do analista.

Lacan (1954-55/1985) propõe uma torção ao conceito de resistência enunciado por Freud (1912/2006) ao referir que a resistência não está somente ao lado do analisando, mas também, do lado do analista, no sentido de que, se o inconsciente insiste, ele não resiste, sendo na escuta do psicanalista que incidem os obstáculos, as resistências, frente à angústia e aos dramas despertados pelo discurso do analisando.

Deste modo, Rosa (2016) discorre a respeito da implicação do psicanalista nas normativas e interesses do grupo social do qual faz parte, sendo este um importante entrave à escuta clínica dos contextos de segregação e violência. Neste mesmo caminho,

a autora refere que, para que escutemos os sujeitos em situações de desamparo extremo é necessário “... levantar o recalque que promove a distância social e permite-nos conviver, alegres e surdos, indiferentes ou paranóicos com o outro miserável. Nessas situações, a escuta supõe romper com o pacto de silêncio do grupo social a que pertencemos ...” (Rosa, 2016, p.48). A escuta do Psicanalista só é possível se seu pacto com o grupo social de origem pode ser rompido, se for possível ao psicanalista não manter-se ignorante a respeito das condições de exclusão, vida nua e pobreza e às implicações destas condições na constituição e ordem fálica dos sujeitos. Neste diapasão, Rosa (2016) refere:

A escuta psicanalítica é, desde Freud, transgressora em relação aos fundamentos da organização social; para se efetivar, implica um rompimento do laço que evita o confronto entre o conhecimento da situação social e o saber do outro como sujeito desejante. Dessa escuta, principalmente quando o sujeito se revela como tal, o psicanalista não sai isento - seu posicionamento ético e político é necessário. A dimensão ético política fica em primeiro plano com base nessa constatação (Rosa, 2016, p. 50).

Tais proposições nos fazem retornar à reflexão acerca da ética psicanalítica proposta por Lacan (1959-60/2008), na medida que ante os discursos que testemunham violências e exclusão, nos encontramos tanto com nossas resistências quanto com o risco de uma certa neutralidade benevolente, que de algum modo, pode acabar promovendo uma certa manutenção do sujeito em uma posição de exclusão. Neste sentido, Broide e Broide (2016) destacam que a interpretação não deve sucumbir à neutralidade benevolente, bem como ao “querer bem ao outro” (p.53), pois sendo deste modo, ela em nada se aproxima do que propõe a Psicanálise. Para os autores, o lugar do analista é o da falta-a-ser, devendo este ser livre em seu modo de trabalho interpretativo, desde que sempre vinculado à transferência.

Broide e Broide (2016) referem ainda que a responsabilidade do analista que opera nestes campos nos quais predominam cenários de violência “reside no trabalho nessa fenda que se abre, nessa brecha frente à urgência da demanda” (p.14). Quando se abre um espaço para as narrativas desses jovens, quando estas falas se tornam visíveis e saem do silêncio, elas “são capazes de incitar uma reflexão acerca da razões de seu sufocamento, tornando-se, então, uma ação política e subjetiva de grande magnitude” (p.15).

Nogueira (2015) recomenda que os psicanalistas necessitam, para estarem atentos ao laço social, passar da posição de especialista à de analista cidadão, um analista crítico, sensível às formas de segregação, podendo escutar e transmitir o que tem de humanidade, interessando-se pelas particularidades de cada um, de cada território, de cada sujeito. Neste sentido, pensamos que caberia então ao psicanalista cidadão, engajar-se, através da escuta e da ética psicanalítica, à promover a resistência dos sujeitos frente ao lugar de dejecto, de apagamento, de mera vida e vida nua.

4.7 Psicanálise: função política e resistência

Entendemos, a partir de nossa experiência com a Roda de Escrita, e com auxílio das produções teóricas acerca do tema, que os fundamentos psicanalíticos e suas costuras com o tema da experiência benjaminiano, são ferramentas potentes para, junto das soluções que os adolescentes têm encontrado através da escrita, da poesia, do Rap. fazer enlaçar os jovens com outros modos de fazer laço com o social, distintos do ato infracional. Conforme Endo (2005), a cada vez que se dá a oportunidade para que surjam os testemunhos, as movimentações nos discursos dos sujeitos, as falas reordenam e desorganizam verdades e explicações maciças a respeito do que foi vivido.

No entanto, conforme Rosa (2016), apesar do potente efeito da escuta psicanalítica em situações de vulnerabilidade e de exclusão, como é a socioeducação, e ainda que o sujeito possa encontrar outros meios de se representar no campo do Outro, isto não opera ou sustenta uma transformação no laço social.

Guerra (2013) problematiza as possíveis intervenções no campo social, afirmando que os efeitos de reabilitar sujeitos em situações sociais críticas só são possíveis se pudermos, de algum modo, reabilitar também a civilização. Deste modo, trata-se, para a psicanalista, de um trabalho em duas frentes: habilitar o sujeito em sua relação com o laço social, a partir dos recursos que este possui, bem como reabilitar o discurso contemporâneo, engajando a civilização “em sua parte na composição do supérfluo; na sujeição à mídia, que insiste em sustentar o discurso da exclusão e do preconceito” (p.150).

Neste diapasão, Guerra (2013) traz outro ponto importante: a necessidade de haver também um olhar para o modo de fazer das próprias políticas públicas de atenção aos jovens, visto que estas, muitas vezes, se alternam entre o “tudo liberado” e as “medidas assépticas” de correção, que acabam contribuindo para segregação ou a forclusão do sujeito em sua responsabilidade política no mundo. E acrescenta: “se é preciso engajar o sujeito, o engajamento só se produz ao preço de um revigoramento das instituições, já que a reincidência do mesmo não acontece apenas no plano individual” (p.150).

Rosa (2016) refere que a ética psicanalítica implicaria também a promoção de transformações nas estruturas sociais e políticas que mantêm as situações de exclusão social, sendo uma das estratégias possíveis a construção de discursos que possam desvelar “o preço pago” pelos sujeitos para que se sustente o funcionamento do modelo econômico vigente. A autora fala ainda em estratégias a partir de metodologias que enlacen a clínica e o social, visando assim transformações no discurso contemporâneo (p. 45).

Neste sentido, ainda que possamos compreender a falta de condições e a aridez presentes no trabalho realizado nas instituições socioeducativas, o que ocorre, ainda que com algumas exceções, são certas reproduções da lógica e do discurso contemporâneo, de manutenção do adolescente em um lugar de resto, espelhado pelos nomes cristalizados da delinquência e da *vida loka* do crime.

Neste diapasão, podemos pensar que a ética psicanalítica, à contrapelo desta lógica, opera como em um trabalho de remissão do sujeito a verdade de seu desejo, tendo como consequência, a abertura de outros sentidos para a existência. Deste modo, opera também como um modo de resistir “à instrumentalização social do gozo” (Rosa, 2016, p.84), de resistência frente ao apagamento convocado pelo Outro.

Ao retomar a pergunta realizada por Lacan (1959-60/2008) no seminário 7, “Agiste conforme o desejo que te habita?”, Rosa (2016, p.85) destaca a oposição entre ética do bem- dizer e a moral, sublinhando a ética como ato que fornece um destino ao excesso, “Se o ato for ético - só se saberá a posteriori - , é risco, pois convoca desejo e gozo e faz marca no Outro, inscrição histórica de um desejo. Com essa inscrição, mudam-se as coordenadas simbólicas e imaginárias, rompe-se o *continuum* da história

...(p.85). A autora segue: “O ato, ainda que seja em palavra, não é inocente, é sempre comprometido, um compromisso, uma responsabilidade pelo ato que deixa marca inscrita na cultura. Ato político, porque é um modo de resistência ...”(p.85).

Segundo Rosa, Martins, Braga e Tatit (2013), trazendo a banda de Moebius, Lacan propõe a noção de êxtimo, num neologismo com a junção dos termos “exterioridade” e “íntimo”, para referir algo como o interior-excluído, ou ainda, como aquele “que se revela o que mais íntimo há no interior” (Rosa, Martins, Braga & Tatit, 2013, p.84). Neste sentido, somos levados a pensar que, ao mesmo tempo em que o psicanalista tem uma função íntima em relação aquele que escuta, ele também preserva uma distância, espaço vazio, e é nesse ponto que se encontra o espaço para que emerja o sujeito, a construção de algo novo.

Parece-nos que a posição do psicanalista no campo socioeducativo também passa pela posição de êxtimo, e que seu modo de atuação e de resistência, passe justamente nessa intersecção entre a intimidade e a distância, entre o íntimo e o exterior. Voltando ao “dentro” e “fora” que a fita de Moebius nos mostra ser indissociável, seria possível ao psicanalista escutar a instituição abstendo-se, transmitindo, dialogando, sem estar imerso no ritmo e no discurso institucional?

Entendemos que a ética e a resistência passam também pelo que propõe Guerra (2017) ao afirmar que é essencial ao psicanalista estar ao lado do jovem que comete atos infracionais, estar ao lado dos modos como eles se escrevem e atuam na vida pública, para que assim, se possam conhecer seus modos de gozo, suas repetições. Para a autora, é necessário reconhecer os modos como estes jovens têm se apresentado, para assim, fazer vacilar os nomes do pior com que se denominam, surgindo deste modo, quiçá, outros laços possíveis.

Em “O mal-estar na civilização”, Freud (1930/2006) refere que aquilo que o plano do princípio do prazer nos impõe - atingir uma satisfação plena, a felicidade - não é possível de ser atingido, sendo um dos maiores empecilhos para tal realização, o próprio semelhante. No cenário público, nas margens, percebemos que esta afirmativa mostra sua versão mais crua, como temos visto e percorrido ao longo deste trabalho. Mas mesmo diante das memórias da guerra, e frente à um futuro trágico por vir, Freud (1930/2006),

também anuncia que não devemos abrir mão do esforço para o encontro e a realização daquilo que ele nomeia como felicidade.

Neste sentido, fizemos e reiteramos nossa aposta na Psicanálise e em dispositivos como a Roda de Escrita. É necessário ser criativo dentro deste campo, para não correr o risco de permanecer no lugar da impotência que contextos como o da socioeducação provocam: os recursos são escassos, o número de profissionais é pequeno e o ambiente em si é pesado e sombrio. Deste modo, é preciso que o psicanalista possa, no contrafluxo da rotina institucional, escutar a palavra que vem em forma de gíria, dançar a música que vem em forma de Rap., e também ler a palavra grafitada e escrita pelas paredes. É a partir desta posição ética que apostamos na potência da Psicanálise enquanto propulsora de modos de resistir, mas também de construir e contribuir para um revigoramento dos modos de fazer a socioeducação.

Percebemos que foi possível tomar as escritas nas paredes não apenas como uma espécie de infração a ser corrigida, como vimos acontecer após nossa saída, mas sim como um modo encontrado pelos jovens de fazer falar suas passagens pela instituição, suas experiências de vida, sonhos e angústias. Também pudemos ver as palavras saltarem das paredes e dos muros ao papel, tomarem voz, encontrando, na experiência compartilhada, tempo para produzir questão, para quebrar certezas, para criar e para sonhar, e fazer deslizar a vida nua, vacilar a *vida loka*, encontrando outros e novos sentidos para a *vida loka: vida-loka-tb-ama!*

Poderíamos dizer que a Psicanálise se ocupa em ressignificar, em atribuir novos sentidos frente ao traumático e à destruição. Levando sua ética por entre os muros e paredes de uma instituição socioeducativa, entendemos que o ato psicanalítico e de resistência seria justamente não sucumbir, apesar do visto e vivido, apesar do cinza, dia após dia, Roda após Roda, às repetições de exclusão, de apagamento dos sujeitos e de destruição. Afinal, em uma instituição com tantas ambiguidades, com tantos paradoxos, também vimos surgir a vida, em forma de letra, nos muros e paredes, em forma de rima, em forma das trocas e laços que fizemos com os adolescentes com alguns membros da Equipe, que já resistiam, questionando sempre seu fazer em busca do novo. De um lugar de êxtimo, cremos nestes laços feitos, e empenhamo-nos na construção dos futuros laços que possam ser escritos, também, por entre os muros e paredes.

REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (2010). *Homo Sacer - O poder soberano e a vida nua I* (2a ed.). Belo Horizonte, MG: Editora UFMG.
- Agamben, G. (2008). *O que resta de Auschwitz*. São Paulo, SP: Boitempo Editorial.
- Aichhorn, A. (2006). *Juventud Desamparada*. Barcelona, ESP: Gedisa Editorial. (Trabalho original publicado em 1925)
- Benjamin, W. (2012). O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: W. Benjamin, *Magia, técnica, arte e política* (8a ed.). (pp.213-240). (Obras escolhidas I). São Paulo, SP: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1936)
- Broide, J. (2010). *Psicanálise: Nas situações sociais críticas. Violência, juventude e periferia: em uma abordagem grupal*. Curitiba, PR: Juruá.
- Broide, J., & Broide, E.E. (2016). *A psicanálise em situações sociais críticas. Metodologia clínica e intervenções* (2a ed.). São Paulo, SP: Escuta.
- Caldeira, T. P. do R. (2012). Inscrição e circulação: novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo. *Novos estudos CEBRAP*, 94, 31-67. doi: 10.1590/S0101-33002012000300002
- Ceará, A. de T., & Dalgalarrodo, P. (2008). Jovens pichadores: perfil psicossocial, identidade e motivação. *Psicologia USP*, 19(3), 277-293. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772008000300002&lng=pt&tlng=pt.
- Costa, A. (1998). A ficção de si mesmo. In: *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 9(15), 7-14.
- Costa, A. (2001). *Corpo e escrita – Relações entre memória e transmissão da experiência*. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará.
- Costa, A. (2004). A transicionalidade na adolescência. In: Costa, A. (Org), *Adolescência e experiência de borda* (pp.165-193). Porto Alegre, RS: Ed.UFRGS
- Costa, A. (2009). Litorais da psicanálise. *Psicologia & Sociedade*, 21, 26-30. doi: 10.1590/S0102-71822009000400005.
- Costa, A.P. (Org) (2014). *Execução das medidas socioeducativas*. Passo Fundo, RS: Imed.

- Elia, Luciano. (1999). A transferência na pesquisa em psicanálise: lugar ou excesso?. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(3), 00. doi: 10.1590/S0102-79721999000300015
- Elia, L. (2000). Psicanálise: clínica e pesquisa. In: Alberti, S. & Elia, L. *Clínica e Pesquisa em Psicanálise* (pp,19-35). Rio de Janeiro: Marca d'Água.
- Endo, P. C. (2005). *A violência no coração da cidade*. Um estudo psicanalítico. São Paulo, SP: Escuta.
- Endo, P. & Sousa, E. (2009). *Sigmund Freud. Ciência, arte e política*. Porto Alegre, RS: L&PM.
- Foucault, M. (2005). *A vontade de saber*. São Paulo, SP: Graal. (Trabalho original publicado em 1976)
- Freud, S. (2006). A interpretação dos sonhos. In: Freud, S., *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol.4, pp.11-300). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (2006). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Freud, S., *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol.7, pp.119-217). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (2006). A psicanálise e a determinação dos fatos nos processos jurídicos. In: Freud, S., *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol.9, pp.91-106).Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1906)
- Freud, S. (2006). Escritores criativos e devaneio. In: Freud, S., *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol.9, pp.133-146).Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (2006). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: Freud, S., *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol.12, pp.122-136). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (2006). Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise II). In: Freud, S., *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol.12, pp.161-174). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2006). Linhas de progresso na terapia psicanalítica. In: Freud, S., *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol.17, pp.170-181). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)

- Freud, S. (2006). Psicologia das massas e análise do Eu. In: Freud, S., *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol.18, pp.79-156). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (2006). Mal-estar na civilização. In: Freud, S., *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol.21, pp.67-150). Rio de Janeiro, RJ: Imago (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2006). Moisés e o Monoteísmo. In: Freud, S., *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol.23, pp.15-66). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1939)
- Guerra, A.M.C. (2008). Oficinas em saúde mental: percurso de uma história, fundamentos de uma prática. In: Costa, C. M. & Figueiredo, A.C. (Orgs). *Oficinas terapêuticas em saúde mental - sujeito, produção e cidadania* (pp.23-58). Rio de Janeiro, RJ: Contracapa.
- Guerra, A.M.C. (2013). Já que perdido , o elo como causa do desejo. In: Moreira, J. O., Guerra, A.M.C. & Souza, J. M.P. (Orgs). *Diálogos com o campo das medidas socioeducativas: conversando sobre justiça, o cotidiano do trabalho e o adolescente.* (pp.139-154). Curitiba, PR: Ed.CRV.
- Guerra, A.M.C. (2017). Como viver junto com a diversidade de gozos?. In Pereira, M. R. (Org). *Os sintomas na educação de hoje: que fazemos com “isso”?* (pp.113-122). Belo Horizonte, MG: Scriptum.
- Guerra, A.M.C., Cunha, C.F., Costa, M.H. & Silva, T.L. (2014). Risco e Sinthome: A Psicanálise no Sistema Socioeducativo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(2), 171-177. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722014000200006>
- Guerra, A.M.C., Grillo, C.F.C., Edmundo, D.F. & Moreira, J.O. (2015). Do universal ao singular ou da homogeneidade à diferença: construindo a prática da socioeducação. In Fórum permanente do sistema de atendimento socioeducativo de Belo Horizonte (Org). *Desafios da socioeducação. Responsabilização e integração social de adolescentes autores de atos infracionais* (pp.147-166). Belo Horizonte, MG: CEAf.
- Guimarães, B. F. (2007). A escrita na clínica: construção de uma alteridade. In Costa, A. & Rinaldi, D. (Orgs). *Escrita e psicanálise* (pp.186-194). Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud.
- Gurski, R. (2008). *Juventude e paixão pelo real: problematizações sobre experiência e transmissão no laço social atual* (Tese de doutorado). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

- Gurski, R. (2012). *Três Ensaio sobre Juventude e Violência*. São Paulo, SP: Escuta.
- Gurski, R. (no prelo). A escuta de jovens “infratores”, o RAP e o poetar: deslizamentos da vida nua à "vida loka".
- Gurski, R. & Pereira, M. (2016). A experiência e o tempo na passagem da adolescência contemporânea. *Psicologia USP* 27 (3), 429-440.
- Gurski, R. & Strzykalski, S. (no prelo). A Pesquisa em Psicanálise e o “Catador de Restos”: enlaces metodológicos.
- Gurski, R.; Gomes, P. G. & Moraes, L. P. (no prelo). Aichhorn: uma obra abandonada?
- Gutierra, B. (2014). *Inícios na Psicanálise com adolescentes: clínica e supervisão*. Curitiba, PR: Editora CRV.
- Hobsbawm, E. (1995). *A era dos extremos*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Heissler, S.Z., Gurski, R. (2015, setembro). Da histórica freudiana ao serial killer: registros de experiências psicanalíticas na Clínica da Infância e da Adolescência em Alagoas. *Correio da APPOA*, (12), 58-62. Recuperado de: http://www.apoa.com.br/correio/edicao/259/da_historica_freudiana_ao_serial_killer_registros_de_experiencias_psicanalitikas_na_clinica_da_infancia_e_da_adolescencia_em_alagoas/273
- Iribarry, I.N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica?. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 6(1), 115-138. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982003000100007>
- Kehl, M. R. (2004). A juventude como sintoma da cultura. In Novaes, R. & Vannuchi, P. (Orgs.), *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação* (pp.89-114). São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo.
- Kehl, M. R. (2016). Prefácio. In: Rosa, M.D. (2016). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento* (pp.7-12) São Paulo, SP: Escuta.
- Lacadée, P. (2011). A clínica da língua e do ato nos adolescentes. *Responsabilidades*, 1(2), 253-268. Recuperado de: www8.tjmg.jus.br/presidencia/programanovosrumos/pai_pj/revista/edicao02/7.pdf
- Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In *Escritos* (pp.96-103). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho originalmente publicado em 1949)
- Lacan, J. (1998). “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”. In *Escritos* (pp.238-324). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho originalmente publicado em 1953)

- Lacan, J. (1985). O seminário, livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (pp.287). RJ: Jorge Zahar. (Trabalho originalmente publicado em 1954-55)
- Lacan, J. (2008). *Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho originalmente publicado em 1959-60)
- Lange, M.B. (2008). Escrita, memória e inutilidades. In Guimarães, B. & Aguiar, F. *Interfaces em psicanálise e escrita*. Porto Alegre, RS: Casa do Psicólogo.
- Lange, M.B. (2010). Caminhares: fragmentos sobre oficinas de escrita e interrogações sobre os ensinares e os aprenderes. *Conjectura*, 15(3), 165-174.
- Lima, N. L. de (2014). *A escrita virtual na adolescência. Uma Leitura Psicanalítica*. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG.
- Lo Bianco, A.C., Costa-Moura, F. & Solberg, M. (2010). A Psicanálise e as narrativas modernas – A transmissão em questão. *Psicologia Clínica*, 22 (2),17-25. Recuperado de:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652010000200002
- Martins, A. (2014, novembro). Homo sacers, sujeitos abandonados ao crime. *Correio da Appoa*, (240). Recuperado de: http://www.appoa.com.br/correio/edicao/240/a_construcao_de_dispositivos_clinicos/156
- Moreira, J.O., Kyrillos Neto, F., Rosário, A.B. do, Souza, J.M.P. de, & Drawin, C.R. (2015). Ato violento e a falácia do reconhecimento. In: Moreira, J.O., Kyrillos Neto, F., Rosário, A.B. do, Souza, J.M.P. de, & Drawin, C.R. *Análise do discurso de adolescentes em privação de liberdade: reflexões sobre a luta pelo reconhecimento*. (pp.113-123). Curitiba, PR: CRV.
- Nogueira, C.S.P. (2015). *A questão do pai e o ato infracional: impasses na transmissão do desejo*. Belo Horizonte, MG: Scriptum.
- Rassial, J.J. (2005). *O adolescente e o psicanalista*. Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud.
- Rosa, M.D. (2016). A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento. São Paulo, SP: Escuta.
- Rosa, M.D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-estar E Subjetividade*, 4 (2), 329 - 348. Recuperado de: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27140208>
- Rosa, M. D., Vicentin, M.C. & Catroli, V. S. C. (2009). Viver em tempos sombrios: a experiência e os laços com os contemporâneos. *Psicologia em Revista*, 15(1), 51-68.

- Rosa, M.D. & Domingues, E. (2010). O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 180-188. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n1/v22n1a21.pdf>
- Rosa, M.D., Martins, A.S., Braga, A.P.M. & Tatit, I. (2013). Clínica e Políticas interrogadas pelo ato infracional: a construção do caso. In: Moreira, J., Guerra, A.M.C, Souza, J.M.P. (Orgs). *Diálogos com o campo das medidas socioeducativas: conversando sobre a justiça, o cotidiano do trabalho e o adolescente* (pp.75-89). Curitiba, PR: CRV.
- Rickes, S.M. (1998). Escrever o que não se sabe. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 8(15), 36-42.
- Rickes, S.M. & Simoni, A.C.R. (2008). Do (des)encontro como método. *Currículo sem Fronteiras*, 8(2), 97-113. Recuperado de: www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss2articles/simoni-rickes.pdf
- Schafer, M. (2013). Escrita e Alteridade: um texto em viagem-enigma. *Revista Educação & Realidade*, 38(2), 521-537. Recuperado de: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/32309/25737>
- Silva, J.S. & Tietboehl, L.K. (2014). Brete. In: Lazzarotto, G.; Costa, A.P.M.; Craidy, C.M.; Szuchman, K.; Oliveira, M.M.; Luchese, S. & Chaves, T. *Medida Socioeducativa: entre A & Z*. (p.44). Porto Alegre, RS: UFRGS.
- Soares., L.E. (2004). Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In: Novaes, R. & Vannuchi, P. (Orgs.), *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação* (pp.130-159). São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo.
- Sousa, E. (1998). O inconsciente entre o escrito e o escritor. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 8 (15), 28-37.
- Souza, C. R. B. & Teixeira, L. C. (2012). Adolescência e corpo: a oficina de escrita como dispositivo terapêutico em instituições de saúde mental. In *Anais do V Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental de Fortaleza*. Fortaleza, CE. Recuperado de: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:5IH0VEyiK10J:www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/v_congresso/mr_48_-_carla_renata_braga_de_souza_e_leonia_cavalcante_teixeira.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br
- Viñar, M. (2009). *Mundos adolescentes y vértigo civilizatorio*. Montevideo, UY: Trilce.

ANEXOS